Lançar Pontes, Falar de Nós - Integração Escolar das Comunidades Ciganas

Monografia do Projeto

Departamento de Educação Especial

Agrupamento de Escolas de Águeda Sul

Outubro de 2019

Agradecimentos

Aos que conceberam, desenharam e a todos os participantes:

dinamizadores, alunos(as), famílias, docentes, técnicos, assistentes operacionais, comunidade em geral.

À coordenadora da Equipa das Bibliotecas Escolares, Lucinda Bento, que procedeu à revisão do texto.

"Dizemos que a inclusão é um assunto de direitos humanos. O acesso de todos os alunos(as) à escola, aprendendo em conjunto a linguagem da equidade, da solidariedade e do valor da diferença é a nossa paixão e a nossa causa."

(David Rodrigues: 2007)

"Não há barreiras que a mente humana não possa transpor."
*(*Hellen Keller*)*

Este é o nosso contributo...

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo apresentar os resultados decorrentes da dinamização do **Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós** implementado em continuidade desde o ano letivo 2007/2008. O Projeto nasceu de uma nova realidade – alunos(as) de etnia cigana na escola –com a perspetiva de integrar as crianças de etnia minoritária e de promover a igualdade de oportunidades, valorizando a diferença como elemento relevante da diversidade cultural.

Tirando proveito da diversidade, o Projeto emergiu como uma forma da Escola encontrar soluções criativas e construtivas face a potenciais problemas de integração, no sentido de estas minorias poderem encontrar dificuldades em corresponder às exigências escolares. Nos seguintes anos letivos, foram introduzidas modificações necessárias - fruto de constante reflexão dos dinamizadores e dos intervenientes em geral - numa ótica de aperfeiçoamento que permitisse progressivamente alcançar os seus objetivos e concretizar a sua estratégia com impacto sociocultural na comunidade. Encerra um cariz transformador e a sua implementação tem contribuído para o desenvolvimento de todos os intervenientes, tanto o público-alvo como os próprios docentes e técnicos, pelo trabalho de equipa que impôs, pelas parcerias que gerou e pelo estudo e reflexão a que obrigou.

Os resultados obtidos e analisados anualmente indicam que é um Projeto oportuno e necessário, contudo, ao fim de uma década, importa fazer uma avaliação mais aprofundada do seu impacto. Neste documento está presente o objetivo de materializar um estudo de análise do Projeto em termos de eficácia e da pertinência da sua continuidade.

Os dados inscritos no Estudo Nacional sobre as comunidades ciganas (2014) indicam que Aveiro é o 3º distrito com mais comunidades e a Região do Baixo Vouga, em que se integra o concelho de Águeda, posiciona-se em 4º lugar em termos de indivíduos ciganos por núcleos de concelhos. No Agrupamento de Escolas de Águeda Sul estão, à data, matriculados vinte e quatro alunos(as) de etnia cigana em diferentes níveis de ensino, desde o ensino pré-escolar até ao ensino secundário que continuam a exigir estratégias específicas, dando sentido à continuidade de um projeto desta natureza.

A presente monografia é organizada em três partes: na primeira parte, faz-se o enquadramento teórico e legal do Projeto; na segunda parte, procede-se à descrição do Projeto, fazendo-se referência aos aspetos cronológicos das ações mais significativas; na terceira parte, apresenta-se uma síntese conclusiva que integra os resultados recolhidos nos processos de acompanhamento e de monitorização do Projeto.

A metodologia seguida para a realização do estudo inscrito na presente monografia implicou a articulação entre várias técnicas e a recolha de informação,

destacando-se como procedimentos básicos: análise documental referente a pesquisa bibliográfica de estudos sobre as comunidades ciganas, tratados internacionais, estratégia nacional; revisão dos registos do Projeto inscritos nos relatórios anuais e análise dos resultados dos inquéritos aplicados em junho de 2018. A utilização conjunta e em complementaridade do inquérito e da análise de documentos permitiu aferir os dados mais consistentes e coerentes face ao que se conhece do contexto.

Sublinha-se a substancial recolha de informação inscrita nos relatórios de monitorização e acompanhamento do Projeto por resultar da análise de diferentes fontes de informação, ao longo da década, nomeadamente dos diferentes dinamizadores e beneficiários. Além disso, foi complementada com inquéritos aplicados a alunos(as) (ciganos e não ciganos), encarregados de educação, docentes e técnicos, o que permitiu incorporar o conhecimento e a perspetiva dos vários atores, facilitando o rigor na validação das conclusões retiradas e imprimindo consistência às sugestões apresentadas.

Com base nos resultados obtidos nestes vários níveis de recolha de informação foi possível fazer uma análise SWOT que resumiu, num quadro-síntese, os pontos fortes e fracos, as potencialidades e as ameaças que persistem após o período de aplicação do Projeto. Este estudo serve para recolher dados sobre a evolução do processo, de modo a possibilitar a contextualização do problema, a identificação de barreiras, carências e potencialidades associados aos processos de integração das pessoas ciganas e a sua resolução através da redefinição e ajuste da intervenção no curto e médio prazo. Procura também analisar em que medida este Projeto, de carácter local e comunitário, derivou em melhores circunstâncias de integração das minorias e em particular dos ciganos da comunidade do Agrupamento de Escolas de Águeda Sul.

Na atualidade e em perspetiva, considera-se que o Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós se constituiu um bom exemplo enquanto resposta inovadora a um problema específico da comunidade escolar, uma vez que se enquadra nas medidas de política nacional de resposta a diretrizes internacionais, no âmbito de políticas públicas relativas à integração das comunidades ciganas, designadamente as que emergiram da comunicação da Comissão Europeia, COM (2011) 173 de 5 de abril, intitulada "Um quadro europeu para as estratégias nacionais de integração dos ciganos até 2020" que, a nível nacional, derivaram na aprovação, em Conselho de Ministros, da Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas (ENICC) - Resolução n.º 25/2013 de 27 de Março, publicada em Diário da República a 17 de Abril de 2013.

Inicialmente, o Projeto respondeu a um problema de integração de crianças de etnia cigana na EB de Aguada de Baixo. Foram alocados recursos técnicos e a Direção do Agrupamento de Escolas definiu aquele contexto como de intervenção prioritária neste âmbito. Pretendia-se acolher e manter as crianças na escola, responder às suas necessidades e assegurar o seu desenvolvimento. Como? Não havia perspetiva. Procurou-se informação sobre outras experiências, conhecimento que ajudasse na

definição de um rumo, sem grande suporte. Desde o princípio, optou-se por numa intervenção inclusiva em que o contexto natural era a turma. Privilegiaram-se processos de discussão, análise das dificuldades, numa lógica de investigação-ação e de trabalho em equipa. Transpôs-se para esta ação pedagógica o modelo que cada um dos agentes já usava noutras intervenções específicas. Identificou-se a necessidade do registo e da formalização. Registou-se o problema, o objetivo, o público-alvo, definiu-se uma estratégia… Construiu-se o Projeto que se designou **Lançar Pontes, Falar de Nós**.

Parte I – Revisão Bibliográfica

No ano de arranque do Projeto, a bibliografia disponível sobre as comunidades ciganas era muito restrita, circunscrita a contextos particulares e versando, essencialmente, aspetos históricos e culturais mais do que conteúdos relacionados com experiências e intervenções pedagógicas. A equipa para a conceção e desenho da intervenção do Projeto apoiou-se no seu conhecimento geral sobre educação, nas práticas de trabalho em rede e de intervenção sociocultural e, especialmente, no consenso de visões sobre a realidade. A resposta educativa a alunos(as) de etnia cigana não fazia parte da experiência da equipa que não conhecia ou tinha experiência educativa neste domínio, pelo que não havia capacidade concreta de antecipar onde seria possível chegar ou que estratégias definir. Contudo, era certo que o caminho da não participação escolar e da exclusão das crianças de etnia cigana, a segregação em turmas não eram hipóteses de atuação.

Desde a emergência do Projeto até ao momento deste estudo, não só as políticas como a investigação científica se intensificaram, tendo sido publicados e divulgados mais estudos e formalizadas novas diretrizes políticas. Assim, o presente enquadramento teórico é baseado em alguns artigos publicados, em particular no *Estudo Nacional sobre as comunidades ciganas - Observatório das Comunidades Ciganas de 2014*. Este estudo deu perspetiva e referência e serviu de critério para se aferir a adequação das práticas desenvolvidas no âmbito do Projeto. O acesso a novos dados nacionais, e alguns internacionais, atuais e de diversos âmbitos, designadamente na área em foco – a educação, facilita uma apreciação objetiva da intervenção em análise.

Em termos demográficos, o estudo nacional anteriormente citado, referindo alguns autores de referência, indica que no mundo existem doze milhões de ciganos e que dois terços dos quais vivem na Europa. As maiores comunidades concentram-se em países da Europa Central, como a Roménia. Em Portugal estima-se que haja entre quarenta a sessenta mil portugueses ciganos, perspetivando-se nesse estudo que são vítimas de um estigma ou atributo depreciativo, afirmando-se que "Apesar de os

ciganos estarem radicados em Portugal há mais de 5 séculos, foram no passado e continuam, no presente, em muitas circunstâncias e/ou contextos, a serem mal vistos e alvo de discriminação, racismo e desigualdade social." Acrescenta-se, citando Goffman (1988 [1963]) que " pessoas nesta situação tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais e são, de um modo geral, considerados incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade." É perceção geral que "os ciganos permanecem ainda como um grupo não (re)conhecido pela sociedade portuguesa maioritária. Não são reconhecidos nem como uma minoria nacional, nem como uma minoria étnica, assumindo-se, então, os ciganos como cidadãos nacionais, sem direitos, garantias ou proteção de caráter especial."

A literatura designa a cultura cigana como ágrafa por se transmitir entre gerações apenas pela palavra, havendo poucos elementos ao dispor para o estudo da história do povo cigano, circunscrevendo-se as evidências à língua, às lendas e aos hábitos. É um povo de origem indiana, de casta inferior que foi expulsa do Norte da Índia por volta do século X. No século XIV, o grupo começa a expandir-se por toda a Europa. No século XV vários grupos de ciganos entram na Península Ibérica. As animosidades e perseguições contra os ciganos registam-se a partir do século XVI, verificando-se ações políticas que variam entre a assimilação forçada e a rejeição total, indo, em casos mais extremos, ate à expulsão do território ou mesmo à condenação à morte. As ações de perseguição persistiram até ao século XX, mostrando a História que o genocídio deste grupo teve o ponto alto nos anos de 1940 com o genocídio Nazi. Esta história de perseguições e discriminações chega à atualidade.

Retomando a informação constante do já referido *Estudo Nacional sobre as comunidades ciganas - Observatório das Comunidades Ciganas (2014*), no âmbito de informações socioculturais, os dados inscritos indicam que os ciganos, quase sempre em família, usam a língua portuguesa, e, por vezes, o romani (língua indoeuropeia dos ciganos do Oriente e da Europa, constituída por um conjunt o de dialetos, destacando-se o caló – língua dos ciganos da Península Ibérica - *in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).* Na sua maioria são católicos e evangélicos (hoje, pensa-se que sejam estes últimos os predominantes). Afirma-se também que para os que fazem "vida de cigano", as redes de sociabilidade são fortemente intraétnicas e que é visível uma preferência por uniões endogâmicas, assim como uma sobrevalorização defensiva do seu quadro de valores e práticas socioculturais que se demarcam das que caracterizam a população não cigana. Regista-se ainda a característica de adoção de comportamentos marcados por alguma exuberância e por consumos ostentatórios, em alguns segmentos do grupo cigano. Autores de referência do Estudo como Mendes, (2007) e Bastos, Correia e Rodrigues (2007) afirmam, respetivamente, que "No exercício da cidadania, parece prevalecer um sentimento de relativa marginalidade face ao Estado e exercício de uma cidadania passiva entre os ciganos". Apontando-se a ausência de participação de cidadania como "uma das

fragilidades para a não reivindicação histórica de direitos sociais e de melhoria de condições de vida".

Segundo o citado estudo, registam-se níveis de escolarização muito baixos e altas taxas de abandono; associa-se a baixa escolarização às dificuldades de acesso ao emprego, formação e aos cuidados de saúde, contribuindo estes fatores para o perpetuamento da reprodução de situações crónicas de pobreza e exclusão social. Identifica-se um desfasamento muito inferior no êxito escolar da população cigana em relação ao resto da população escolar. Na educação persiste um claro desfasamento entre objetivos e regras da instituição escolar, com os seus conteúdos programáticos e regras sociais, e os valores ciganos e modos de vida das famílias ciganas. A baixa escolaridade atinge proporções mais preocupantes entre as mulheres. Tal aspeto é referido em estudos de referência que mostram que, mesmo nos casos de ciganos integrados, as mulheres apresentam níveis de escolaridade muito inferiores aos dos homens.

A informação recolhida aponta para diferenças de género muito significativas no modelo de educação das crianças, sendo dada mais liberdade aos rapazes. As raparigas são muitas vezes vigiadas nas suas atividades. Tal modelo é ainda observado muitas vezes em contexto escolar, principalmente, entre as alunas mais velhas. Desde bebés que as rotinas e os horários são pouco valorizados. Tradicionalmente, a criança cresce em liberdade, deixando-se, muitas vezes ao seu próprio critério e vontade, a decisão de ir ou não ir à escola. As meninas aprendem a tomar conta da casa e dos irmãos mais novos, sendo de grande ajuda para as mães, pois são responsáveis por todas as tarefas domésticas. É também uma forma de as educar para as suas futuras funções de donas de casa, quando casarem (o que ainda acontece cedo). O conhecimento destas práticas esteve sempre presente na implementação do Projeto, havendo a preocupação de agir de forma preventiva para que as crianças que integravam o grupo pudessem ser adolescentes antes de serem mães. Os rapazes são incentivados a atividades diferentes, como acompanhar o pai de família ou outro membro masculino nas suas atividades. A literatura consultada refere que o padrão de entendimento do crescimento das crianças é, tradicionalmente, bem distinto da sociedade maioritária: a criança é considerada muito pequena durante muito tempo (são crianças até aos 7 ou 8 anos), aos 10/11 anos, as raparigas passam a ter um papel cada vez mais ativo na vida familiar e a partir dos 13/14 anos, quer os rapazes, quer as raparigas, são considerados como prontos para casar. Regista-se que, nos últimos anos, esta conceção se tem ajustado, muitas vezes por força de lei. A experiência mostra que, ao longo dos dez anos em análise, não só as políticas mudaram como também os modelos de intervenção social. Verificamos que na atualidade são pouco signficativos os casos de "casamento" antes dos 16 anos. Contudo ainda acontece que abandonam a escola, autonomizam-se para "casar" antes da idade legal limite da escolaridade obrigatória, os 18 anos, sendo este aspeto, no

momento, uma das maiores barreiras pois condiciona a conclusão da escolaridade básica, a transição para a vida ativa e para o mercado de trabalho.

Facilmente percebemos que a problemática da integração de crianças ciganas na escola de modo mais ou menos ajustado deriva de múltiplos fatores, sendo a matriz cultural de origem, naturalmente de grande importância*. O Estudo Nacional sobre as comunidades ciganas - Observatório das Comunidades Ciganas (2014*) explicita a conceção de interculturalismo enquanto modelo de gestão da diversidade cultural que implica convivência, cidadania política e social. São citados autores como Gimenez (2008) que sublinham a "necessidade de compreender, cuidar, promover e regular adequadamente a interação sociocultural positiva como forma de abordagem, de comunicação, de aprendizagem e também de resolução de conflitos entre diferentes culturas. Deste modo, uma abordagem pluralista deve ser culturalmente distinta no contexto do Estado e de nação democrática remetendo para uma participação multicultural, multilingue e multi-étnica." Partilha-se a crença de que "espaços e processos de interação nestes contextos são positivos, abertos e existem relações de confiança, reconhecimento mútuo, comunicação eficaz, diálogo e debate, permitindo a regulação pacífica dos conflitos, cooperação e convivência cultural."

Na fundamentação do Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós afirma-se que um projeto não é apenas intenção, é também ação: uma imagem antecipadora do caminho a seguir para conduzir a um estado de realidade (Figueiredo, 2001). Insere-se numa realidade com dois polos: um da ordem da utopia, do sonho e das ideias e outro que aponta para a programação dos meios para o pôr em ação. No fundo, a intenção – ou sentido a dar à ação e a programação – ou organização coerente dessa ação (Mendonça, 2002).

O projeto difunde uma conceção do ser humano inserido numa perspetiva de mudança e futuro. Sendo o ser humano um ser em mudança, o projeto está nos indivíduos. Dá uma ênfase à intencionalidade das pessoas que o realizam e à compreensão do sentido com que o realizam. De potenciais problemas surge a procura de soluções criativas e construtivas, que lhes deem resposta; dos problemas emergem os desafios.

O projeto "Lançar Pontes, Falar de Nós" nasceu, no ano letivo 2007/2008, com a perspetiva de integração das crianças de etnia cigana na escola, de forma a promover a igualdade de oportunidade e a valorização da diferença como fator relevante da diversidade cultural e enriquecedor da ação educativa.

O direito à educação está consignado na Declaração dos Direitos do Homem e na Declaração dos Direitos da Criança, implicando um ensino obrigatório e gratuito: «Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório (…)» (Declaração Universal dos Direitos do Homem, art.º 26.º: 1948); «A criança tem direito à educação, que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos graus

elementares. Deve ser-lhe ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social e tornar-se um membro útil à sociedade.» (Declaração dos Direitos da Criança – princípio 7.º: 1959).
Este direito está também consagrado na LBSE (Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei n.º 46/86) no sentido da igualdade de oportunidades.

No recente Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho, salvaguardam-se no art.º 3.º, os princípios orientadores: de educabilidade universal, a assunção de que todas as crianças e alunos(as) têm capacidade de aprendizagem e de desenvolvimento educativo; de equidade, a garantia de que todas as crianças e alunos(as) têm acesso aos apoios necessários de modo a concretizar o seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento; de inclusão, o direito de todas as crianças e alunos(as) ao acesso e participação, de modo pleno e efetivo, aos mesmos contextos educativos. Acrescenta ainda os princípios da personalização, de flexibilidade e de autodeterminação, enquanto respeito pela autonomia pessoal, tomando em consideração não apenas as necessidades do aluno mas também os seus interesses e preferências, a expressão da sua identidade cultural e linguística, exigindo-se a garantia de oportunidades para o exercício do direito de participação na tomada de decisões. Nesta linha de pensamento, sublinha-se também o princípio do envolvimento parental e salvaguarda-se a necessidade de interferência mínima para que se atue no sentido do desenvolvimento pessoal e educativo das crianças ou alunos(as) garantindo-se, contudo, o respeito pela sua vida privada e familiar.

Assente nestes princípios, a Escola orienta-se para receber todas as crianças independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas, culturais ou outras. A resposta educativa deve dirigir-se a crianças ou jovens deficientes e sobredotados, de rua e que trabalham, de origem remota ou de população nómada, pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e de outros grupos desfavorecidos ou marginalizados.

No referido Estudo Nacional sobre as comunidades ciganas - *Observatório das Comunidades Ciganas (2014) cita-se* Giménez (2008) indicando-se três princípios a respeitar na intervenção com minorias:

1) O princípio da cidadania, que implica o reconhecimento pleno e constante busca de igualdade real e efetiva dos direitos, responsabilidades, oportunidades, e a luta constante contra o racismo e a discriminação;

2) O princípio do direito à diferença, que implica o respeito à identidade e os direitos de cada uma das cidades, grupos étnicos e expressões socioculturais;

3) O princípio da unidade na diversidade, consubstanciado na unidade nacional, não imposta mas construído por todos e que se assumiu voluntariamente.

A Escola é um lugar de aprendizagem, um espaço onde são facultados os meios para construir o conhecimento, interiorizar as atitudes e valores universais e adquirir

competências, formando cidadãos críticos, conscientes, participativos, capazes de interagir e intervir na realidade e responder aos desafios emergentes da sociedade.

A educação é fácil e consensualmente aceite pela sociedade e assumida por vários autores como a base para as mudanças sociais e culturais dos indivíduos, tendo para a Equipa do *Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós* também uma função desenvolvimental e transformadora. A frequência escolar é indispensável ao exercício da cidadania, à participação e facilita a mobilidade social ascendente. O acesso à escolarização é, antes de mais, uma questão de cidadania, sendo, por isso, fundamental superar as barreiras que afastam a instituição escolar das crianças/jovens e das famílias ciganas. Importa construir pontes de aproximação. O combate ao abandono escolar precoce, a promoção da frequência escolar de rapazes e raparigas em idade escolar têm sido as principais dificuldades neste processo, cujos fatores inibidores se pretende compreender para continuar a reverter.

O Agrupamento de Escolas de Águeda Sul tem por missão satisfazer as exigências sociais da educação na comunidade por ele servida, conferindo iguais oportunidades de acesso e sucesso escolar àqueles que usufruem da sua oferta educativa. Tem por objetivo viabilizar uma educação integral, desenvolvendo pessoal e socialmente o aluno, potencializando a sua progressiva autonomia, incentivando o seu espírito crítico e proporcionando-lhe aprendizagens significativas. A Escola assume-se como instituição de suporte social que a todos recebe e que se ajusta a todos os alunos(as), aceitando as diferenças, apoiando as aprendizagens e potenciando as capacidades, promovendo uma educação e um ensino diferenciados que respondam às necessidades individuais e rejeitem uma postura institucionalmente segregadora. Por outras palavras, a Escola procura promover a igualdade de direitos e de oportunidades independentemente da origem social, étnica, da identidade religiosa e demais pertenças e/ou opções. Considera-se um dever respeitar a dignidade do ser humano, a singularidade da sua existência individual e coletiva e a multiculturalidade. (…) Os valores do Agrupamento são a pessoa, a liberdade, a solidariedade, a tolerância, a cidadania, a cooperação, a equidade, a exigência, a participação. O Agrupamento procura desenvolver a vertente humanista, de forma a integrar os alunos(as) na comunidade, fomentando a sua intervenção social, profissional, cultural, recreativa, desportiva, entre outras." (Projeto de Intervenção 2013-2017).

Regista-se nos últimos anos que, a par do discurso oficial sobre a integração social dos ciganos na Europa (Parlamento Europeu, 2011) e em Portugal (ACIDI, 2013), na prática, o que se verifica é que as medidas e políticas públicas não têm ainda sido capazes de fazer face à situação de pobreza e exclusão social da população cigana, tendendo a persistir uma situação de desigualdade crónica. Pode afirmar-se que a emergência de uma Estratégia Nacional por Diretiva da União Europeia dota os diferentes agentes, designadamente a equipa deste Projeto, de mais conhecimento e

dá direcionalidade e critério ao trabalho neste âmbito, visto que a educação (contexto de referência) é naturalmente um dos eixos-chave da referida estratégia.

O senso comum permite afirmar que o desconhecido causa receio, gera desconfiança e afasta as pessoas. É afirmado por alguns autores consultados que a inexistência de reconhecimento das pessoas ciganas, ou até o seu incorreto conhecimento, refletem-se em imagens limitativas, deformadas, de inferiorização e desprezo, afetando e restringindo negativamente a vida destas pessoas. Ainda se associa o cigano a uma vida de nómada, embora a maior parte dos ciganos residentes em território nacional esteja sedentarizada. A representação socialmente difundida é a de que "ser cigano é ser nómada, livre de todos os compromissos e laços, excetuando os de sangue" (Mendes, 1997 e 2007). Tal como se observa pela emergência na escola de alunos(as) de comunidades diferentes e à semelhança dos alunos(as) da sociedade maioritária, regista-se grande heterogeneidade cultural dos ciganos portugueses e das suas diferentes formas de inserção social e espacial. São diversos os estilos de vida e existem perfis de pessoas e famílias ciganas plurais e complexos, estabelecendo relações também elas multifacetadas.

O *Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós* é assumido como inovador dado que antecipou a intervenção numa problemática, à data, pouco central nas políticas e práticas educativas. Os discursos nacionais e internacionais focaram-se nesta problemática e geraram ações mais articuladas e intencionais apenas nos últimos anos e já após a emergência do Projeto. As ações de formação/sensibilização que dinamizámos no âmbito do Projeto, a autoformação e a prática continuada de reflexão e avaliação têm facilitado a integração das ideias mais divulgadas pela literatura e pelos diferentes estudos e dispositivos legais. O conhecimento adquirido e partilhado foi enriquecedor do trabalho que se desenvolveu e facilitou uma melhor compreensão das próprias dificuldades, fortalecendo a vontade de persistir e permitindo a melhoria da intervenção, garantindo-se os melhores processos para se aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a estar e aprender a ser.

As finalidades do Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós vão ao encontro das áreas de intervenção prioritárias definidas no Agrupamento de Escolas de Águeda Sul, designadamente educação para a cidadania e fomento do sentimento de pertença.

No intuito de respeitar valores universais, de fomentar diferentes sistemas de representações coletivas que podem coexistir não tendo que se valer pela diferença mas pela congruência, independentemente da sua especificidade. Para contrariar esta tendência de afastamento e exclusão, ao longo da última década, este Projeto propôs-se a construir pontes, promover o conhecimento interpessoal e intercomunitário e superar as barreiras do desconhecimento e do estigma, apostando-se na harmonia social e exercitando a função da Escola de assegurar uma educação inclusiva que contribua para maiores níveis de coesão social, combatendo práticas de inferiorização e de exclusão. Entende-se a noção de excluir do ponto de vista sociológico como ação

de " marginalizar indivíduos que não se adequam aos padrões sociais, culturais, intelectuais ou económicos estabelecidos", *in Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia de Ciências de Lisboa (2001).*

Na atualidade e segundo o no parecer do Conselho da Europa, 2012, assiste-se a medidas em termos das políticas nacionais e internacionais, progressivamente mais globais, sistemáticas e consistentes para erradicar os persistentes sentimentos e práticas de racismo, preconceito e discriminação, em relação aos ciganos, que se traduzem em desigualdades sociais no acesso aos principais direitos de cidadania.

Assiste-se, também, a medidas de política social para promover a integração social, como realojamentos habitacionais, escolaridade obrigatória e rendimento social de inserção. Foi publicada a nível nacional a Estratégia Nacional Para a Integração das Comunidades Ciganas 2013 – 2020, numa resposta do Governo Português a uma diretiva da União Europeia que solicitou aos estados-membros a elaboração de estratégias nacionais para a integração das comunidades ciganas, que respondam a situações de exclusão que não são compatíveis com os valores sociais ou com o modelo económico europeu. Destaca-se como significativa a medida de formação e colocação de mediadores culturais em muitos municípios (designadamente em Águeda) por ação do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.

Os objetivos da União Europeia em matéria de integração dos ciganos assentam em quatro domínios fundamentais que são também os eixos-chave que orientam a Estratégia Nacional: o acesso à educação, ao emprego, aos cuidados de saúde e à habitação, sem esquecer a necessidade de empoderamento social e o combate ao anticiganismo em contexto europeu. Tendo em conta que em Portugal, nos últimos 30 anos, se desenvolveram alguns programas de política social sem contudo se conhecer os seus impactos, o presente estudo pretende, a nível micro e muito localizado, servir para aferir o contributo desta ação. Dez anos é já um período bastante alargado que permite aferir a consistência de dados e imprimir-lhe validade. Considera-se que a única limitação resulta do facto de a população envolvida ser em número restrito, não permitindo extrapolar para outros contextos; embora, pela informação recolhida sobre práticas noutras comunidades, se possam sempre identificar algumas regularidades e similitudes.

Ao longo desta década, as diversas instituições públicas e privadas desempenharam um papel relevante na prossecução dos objetivos de integração das comunidades ciganas. Observa-se mais disponibilidade e capacidade de acolhimento tanto por parte da Administração Pública e dos diferentes ministérios, mas também no âmbito das sensibilidades dos ciganos portugueses e das organizações da sociedade civil que trabalham com estas comunidades no nosso país. Testemunhamos tal aspeto nas situações de concretização da medida educativa designada por Plano Individual de Transição, através da qual se garante a todos os alunos(as), incluindo os de etnia

cigana, experiência laboral em contexto real de trabalho em empresas e instituições da comunidade.

Considera-se que a socialização por via da escolarização promove a aprendizagem dos direitos de cidadania e das competências sociais que ajudam a interpretar os símbolos sociais, alargando o conhecimento sobre os outros e permitindo a aquisição de processos eficazes de integração social. Facilmente se compreende o impacto negativo que as baixas taxas de alfabetização e altas taxas de abandono escolar têm no processo desenvolvimental e civilizacional destas comunidades. Foi de forma natural que na Escola se desenhou o Projeto em análise e se definiu uma estratégia de acolhimento a estas crianças/jovens, de modo a fomentar o gosto pela escola, a vontade de autodeterminação e a responder localmente a um problema global.

Parte II - Descrição do Projeto

O PROJETO LANÇAR PONTES, FALAR DE NÓS

O *Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós* é dinamizado continuadamente pelo Departamento de Educação Especial desde 2007/2008 e constitui-se como uma resposta estruturada para os alunos(as) de etnia cigana que frequentam as Escolas do Agrupamento de Escolas de Águeda Sul. Foi iniciado na Escola Básica de Aguada de Baixo. Posteriormente e à medida que os alunos(as) avançaram na escolaridade, implementou-se na Escola Básica de Aguada de Cima. Também nesta lógica de alargamento, abrangência e prosseguimento de estudos, a partir do ano letivo 2017/2018 passou a ser dinamizado na Escola Secundária Marques de Castilho, envolvendo mais de trinta alunos(as) de etnia e suas famílias.

O Projeto é desenvolvido em pequenos grupos que integraram essencialmente alunos(as) de etnia, mas que, a cada ano, envolvem outros alunos(as) que, não sendo de etnia cigana, careciam de desenvolver o mesmo tipo de competências, tendo havido, ao longo dos anos, preocupação em "estabelecer pontes" com os colegas das turmas de origem. Numa lógica de que a proximidade, o conhecimento e a partilha derrubam barreiras, aproximam e conduzem a relações interpessoais mais construtivas, foram implementadas atividades, tanto em contexto de turma como de

escola, procurando dar visibilidade à especificidade da cultura das comunidades ciganas.

É um Projeto que deriva da necessidade de responder com eficácia educativa a um grupo específico de alunos(as) que apresenta algumas características condicionantes do processo de integração: significativa imaturidade emocional e poucas competências pessoais e sociais, desvalorização do espaço escola e consequente absentismo e risco de abandono escolar. *O Projeto tem como propósito geral promover a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, garantindo a promoção da igualdade de oportunidades. Procura, também, consolidar competências pessoais, sociais e laborais na perspetiva de uma vida adulta autónoma e com qualidade.*

1- OBJETIVOS DO PROJETO

1.1. Objetivo Geral

Estão definidos como objetivos fundamentais: por um lado, encontrar conjuntamente *pontes* de articulação de culturas sem que uma anule ou desrespeite a outra e que permitam a harmonia das crianças e jovens de etnia na convivência da escola e, por outro lado, melhorar a frequência escolar e prevenir o abandono.

1.2. Finalidades

- Proporcionar condições para a igualdade de oportunidades educativas (no acesso e no sucesso) e potenciar condições para a participação ativa na construção da sociedade democrática e nas dinâmicas culturais;
- Encontrar pontes nas diferentes culturas promovendo contextos que facilitem uma atitude anti-etnocêntrica;
- Promover atitudes interculturais positivas, valorizando a diversidade e respeitando a diferença, de modo a minimizar o conflito emocional do choque cultural;
- Potenciar a convivência e a cooperação entre alunos(as) e pessoas culturalmente diferentes, dentro e fora da escola;
- Melhorar o autoconceito pessoal, cultural e académico das pessoas culturalmente diferentes, dentro e fora da escola;
- Proporcionar o desenvolvimento de habilidades e papéis sociais, fomentando a autonomia;
- Estimular a mudança de hábitos e do próprio estilo de vida, em concordância com a sua cultura;
- Solucionar problemas e situações do quotidiano;
- Despertar a curiosidade e o gosto por aprender, contribuindo para melhorar a frequência escolar e prevenir o abandono escolar precoce;

- Articular os conteúdos pedagógicos trabalhados na escola, facilitando a sua compreensão e assimilação;
- Desenvolver a autoestima e reduzir o isolamento social;
- Minimizar ou romper mitos sobre culturas distintas;
- Fortalecer o sentimento de eficiência, eficácia e competência;
- Impulsionar relacionamentos fundamentados na afetividade, no respeito e na tolerância.

2 - Aspetos cronológicos das ações mais significativas

Quadro 1

Ano letivo 2007/2008	**Início ...** O projeto era dirigido aos alunos(as) de etnia do 1.º ciclo, da Escola Básica de Aguada de Baixo. Nos anos seguintes e após a progressão dos alunos(as) para o 2.º e 3.º ciclos, o Projeto passou a ser dinamizado na Escola Básica n.º 2 de Aguada de Cima.
Ano letivo 2008/2009	A intervenção centrou-se fundamentalmente no reforço da **importância da escola no projeto de vida de cada criança**, uma vez que no final desse ano letivo 3 alunos iriam ingressar no 2.º ciclo.
Ano letivo 2009/2010	O **projeto assumiu uma nova dinâmica** tendo em conta a caracterização do público-alvo: crianças mais novas, oriundas de contextos de pouca estimulação e uma parte significativa dos alunos referenciados com Necessidades Educativas Especiais (NEE) – assim designados à época os alunos(as) que beneficiavam de medidas de suporte à aprendizagem e inclusão.
Ano letivo 2010/2011	Face aos desafios que as crianças colocavam e às reflexões feitas, compreendeu-se ser fundamental a **introdução de novos domínios** de trabalho: formação pessoal, atividades da vida diária (AVD) e jardinagem. A reflexão final impôs a necessidade de reestruturação do Projeto com vista a um alargamento da sua intervenção às turmas, dando-lhe uma dimensão de escola. Acrescente-se que também foi importante a nomeação de um coordenador e a reestruturação dos domínios de intervenção.
Ano letivo 2011/2012	O Órgão de Gestão do Agrupamento **nomeou um coordenador** para organizar a preparação, implementação e monitorização do Projeto, tendo este um papel fundamental na articulação interna com todos os dinamizadores e na articulação externa, com os serviços da comunidade. Verificou-se um elevado número de transferências e novas matrículas de alunos(as) de etnia cigana, tornou-se fundamental a reformulação de algumas dinâmicas. O domínio de formação pessoal foi dinamizado em todas as turmas do 1.º ciclo da Escola Básica de Aguada de Baixo, quinzenalmente, e houve um momento também quinzenal só para os alunos(as) de etnia (Turma Lançar). O domínio de atividades da vida diária e jardinagem estendeu-se também na educação ambiental (EA). O domínio das expressões foi dinamizado nas turmas pelos professores titulares de turma, quinzenalmente, em articulação com as atividades da formação pessoal, AVD/Jardinagem/EA. e do Plano Anual de Atividades. O domínio Dinâmicas de Grupo foi dinamizado semanalmente nos 2º e 3ºciclos. No âmbito da Higiene, o banho, ocorreu duas vezes por semana para cada grupo e, dada a amplitude dos grupos, os alunos(as) foram acompanhados por duas assistentes operacionais. As outras atividades de higiene foram da responsabilidade do professor titular de turma.

	Neste ano letivo procedeu-se à candidatura ao **Programa "Joãozinho Retribui"**, tendo o projeto sido premiado com o 1.º lugar, na categoria de coesão social. Foi atribuído ao Projeto um prémio no valor de 5000€, que serviu para aquisição de equipamentos para apoio às atividades pedagógicas, material de higiene, de jardinagem e para atividades lúdicas e recreativas. Foram organizadas visitas de estudo que pemitiram alargar horizontes.
Ano letivo 2012/2013	O Projeto foi implementado dando-se continuidade aos domínios definidos para a intervenção, tendo sido o grande desafio a organização de um encontro para reflexão, designado **"Fórum Lançar – A integração das crianças de etnia na escola"**. **O Fórum realizou-se a** 21 de dezembro de 2012, na Escola N.º 2 de Aguada de Cima e abordou a t**emática** da inclusão e participação dos alunos(as) de etnia na escola. Tratou-se de uma iniciativa que visou aprofundar a reflexão conjunta entre professores, técnicos, decisores, alunos(as) e famílias, sobre a integração das crianças de etnia cigana no contexto escolar. Destaca-se nesta ação a participação de Técnicos de Serviço Social, da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, outros técnicos, Professores, Especialistas (Dra Maria José Casa-Nova, João Seabra – Mediador da CM de Aveiro, Drª Mª José Vicente – Rede Europeia Anti-Pobreza) e decisores como os representantes da Câmara Municipal e das Juntas de Freguesia. Envolveu um total de 120 participantes. Foi um espaço de reflexão de extrema importância que permitiu criar pontes para os desafios seguintes.
Ano Letivo 2013/14	**A grande preocupação da Escola focava-se no eventual risco de abandono escolar pela** desvalorização do espaço escola e pelo absentismo registado. No sentido de superar os problemas identificados, fizeram-se reuniões com técnicos e com as famílias, havendo ações concertadas, nomeadamente informação sistemática das faltas; cuidado acrescido do pessoal auxiliar no encaminhamento dos alunos(as) para sala de aula. Foi solicitado apoio à Câmara Municipal para **colocação do Mediador Cultural,** que iniciou a sua atividade na Escola Básica n.º2 de Aguada de Cima, no dia 20 de fevereiro, e também noutros agrupamentos escolares do concelho. Pretendia-se promover a sua inclusão educativa e social, bem como a autonomia e estabilidade emocional, de forma a garantir a promoção da igualdade de oportunidades.
Ano Letivo 2013/14	Foram realizadas atividades que visaram o desenvolvimento de competências pessoais, como os autocuidados, o asseio pessoal e o autoconceito. Foram também desenvolvidas competências sociais, com o intuito de trabalhar o cumprimento de regras e contribuir para o aumento da capacidade de participação cívica. Observaram-se progressos ao longo do ano, registando-se: impacto destas ações na superação dos problemas de ajuste comportamental, em termos de consistência na mudança de atitudes; melhoria de frequência escolar, com redução significativa das faltas injustificadas e alargamento das ações às turmas. Na sequência de uma reunião na CM de Águeda, em parceria com os outros Agrupamentos de Escolas e com a Câmara Municipal, coordenámos a organização do **I Encontro de Mulheres Ciganas de Águeda** que se realizou na Biblioteca Municipal Manuel Alegre, no dia 24 de junho de 2014. Esta atividade consistiu num fórum de discussão em que foram apresentados testemunhos e histórias de vida por mulheres ciganas de outras comunidades que tinham realizado um percurso de autopromoção significativo.

Ano Letivo 2013/14	O objetivo foi analisar as dificuldades/características da dinâmica das famílias de etnia cigana, as dificuldades sociais e o trabalho realizado pelo mediador, identificando os elementos facilitadores e os constrangimentos sentidos. Reconhece-se o papel das mulheres ciganas não só como suporte familiar, mas como tendo um papel decisivo na frequência escolar. Considerou-se que os objetivos foram francamente atingidos e que o impacto do seu envolvimento, a médio prazo, poderia ser muito significativo.
Ano letivo 2014/2015	Neste ano assinalam-se dois marcos: a **comemoração do sétimo aniversário** do Projeto na Escola Básica de Aguada de Baixo e **a interrupção do apoio do mediador da CM de Águeda,** por razões alheias ao Projeto. A comemoração do aniversário do Projeto teve direito a festa com bolo, música (o hino do Projeto que está adaptado para a Língua Gestual) e o revisitar da documentação fotográfica do Projeto. Reuniram-se os primeiros alunos(as) que beneficiaram do Projeto, na escola da sua origem, com os(as) alunos(as) que à data integravam a dinâmica do Projeto, nos diferentes níveis de ensino. Na reunião participaram técnicos e decisores internos e externos ao Agrupamento. Foi um momento de partilha e de balanço, em que se perspetivou todo o impacto do Projeto na vida destes jovens. Esta análise deu voz aos alunos(as) que puderam partilhar com os presentes o que levaram da experiência neste contexto. Estes testemunhos na primeira pessoa permitiram validar a sua importância do Projeto, dando-lhe novo impulso.
Ano letivo 2015/16	A dinâmica desenvolvida seguiu a metodologia implementada nos anos anteriores, dando continuidade ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais e ao estabelecimento de pontes entre os grupos Lançar com as turmas de referência e entre a escola e a comunidade. A coordenadora do Projeto participou na **reunião de trabalho com a Senhora Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade**, Dr.ª Catarina Marcelino, na IPSS Shalom, a 30 de junho. Nesta reunião foram analisadas as circunstâncias de integração das comunidades ciganas no Concelho de Águeda, as suas expectativas e necessidades.
Ano letivo 2016/2017	Face à matrícula de novos alunos(as) de etnia cigana no 1.ºciclo, na Escola Básica de Aguada de Baixo, e aos desafios que a sua integração impôs à escola e à comunidade, sentiu-se a necessidade de reforçar recursos, intensificar a intervenção no âmbito das turmas e intensificar a articulação com as famílias. Nesse sentido, **envolveram-se de modo mais atuante a psicóloga dos Serviços de Psicologia da Câmara Municipal e as Psicólogas do Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) da CERCIAG, em parceria com o Agrupamento de Escolas de Águeda Sul**. Garantiu-se também a **participação direta da Técnica de Serviço Social do Agrupamento**. A Psicóloga dos Serviços da Câmara Municipal fez acompanhamentos individuais a alunos(as) e famílias. As psicólogas do CRI, em parceria com a técnica de Serviço Social do Agrupamento, trabalharam, em regularidade quinzenal, aspetos da formação pessoal e social na turma Lançar. As docentes titulares de turma e alguns diretores de turma em colaboração com as docentes de Educação Especial, trabalharam também aspetos específicos definidos na planificação anual, no sentido de potenciar o comportamento pró-social e desenvolver competências pessoais. A intervenção no 2.º e 3.º ciclo sofreu também alguns ajustes que englobaram a colaboração da psicóloga do Agrupamento, dinamizando um dos grupos Lançar e o estabelecimento de um protocolo de colaboração com o CENSI (Centro Social Infantil de Aguada de Baixo), por proposta da Instituição. Com esta parceria pretendeu-se alargar os contextos de aprendizagem alternativos e significativos, através do trabalho direto e individualizado com crianças e jovens na Escola Básica

	de Aguada de Cima, no âmbito da área de formação pessoal. Este protocolo, ainda ativo, tem, também, como foco da intervenção aspetos da formação pessoal e social, a construção de um projeto de vida ajustado e o desenvolvimento do gosto pela escola como processo de evitar o absentismo. Beneficiou-se novamente do acompanhamento do Mediador Cultural da Câmara Municipal. Foram feitas reuniões com técnicos das IPSS que dão suporte às famílias destes alunos(as) e que fazem parte do CENSI (Aguada de Baixo), Santa Casa da Misericórdia (Sangalhos), Centro Social e Paroquial (Recardães), representantes da Segurança Social e da CPCJ de Águeda. As suas famílias são, também, o público prioritário nas ações de formação parental previstas no Agrupamento. **Participação na organização do segundo encontro de Mulheres Ciganas de Águeda** em colaboração com os Agrupamentos de Escolas de Valongo do Vouga e de Águeda assim como com o Núcleo Local de Inserção. Este encontro foi realizado a 18 de julho de 2017, no Auditório da Escola Secundária Fernando Caldeira, em Águeda. **Na visita a Águeda, em 24 de abril de 2017 o Sr. Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues** participou numa das sessões do Projeto que foi apresentado como uma iniciativa educativa inovadora. Na sequência da publicação do Decreto-Lei n.º 176/2012, que regula o regime de matrícula e de frequência no âmbito da escolaridade obrigatória das crianças e dos jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos e estabelece medidas que devem ser adotadas no âmbito dos percursos escolares dos alunos(as) para prevenir o insucesso e o abandono escolares, **emergiu, como novo desafio, a transição dos alunos(as) para a frequência do ensino secundário**, no caso para a Escola Secundária Marques de Castilho (Sede do Agrupamento) em Águeda, obrigando os alunos(as) e as suas famílias a novas logísticas. Impôs à Escola e aos dinamizadores do Projeto novas diligências, planeadas com tempo e articuladas na sua execução com os alunos(as) e suas famílias, apoiando na escolha da escola, da área/tipo de ensino a frequentar; assegurando matrículas e ajudando na organização do processo documental e dos procedimentos para obtenção de subsídios para material, alimentação e transporte.
Ano letivo 2017/2018	**O Projeto foi desenvolvido na Escola Básica de Aguada de Baixo com alunos(as) do JI e do 1.º ciclo; na EB de Aguada de Cima, com alunos(as) do 2.º e 3.º ciclos e pelo primeiro ano na Escola Secundária Marques de Castilho, com alunos(as) do 3.º ciclo e do ensino secundário.** Uma década depois do seu início, o Projeto é implementado também na Escola Secundária Marques de Castilho com alunos(as) que fizeram todo o percurso escolar no Agrupamento de Escolas de Águeda Sul ou são oriundos de outros agrupamentos de escolas. A primeira aluna acompanhada desde o pré-escolar que integrou o Projeto Lançar Pontes, chega ao ensino secundário. Na tentativa de tornar a Escola Básica de Aguada de Baixo mais atrativa, sobretudo para os alunos(as) de etnia cigana, tradicional e culturalmente com baixas expetativas e nem sempre totalmente aceites pelos colegas, foram dinamizadas pela **docente de Educação Especial** atividades práticas experimentais, em todas as turmas da escola do 1.º ciclo e no Jardim de Infância de Aguada de Baixo, denominadas "A Passo com a Experiência". **Na EB de Aguada de Cima**, além das dinâmicas já aplicadas em anos letivos anteriores, procedeu-se à integração dos alunos(as) de etnia no projeto de **promoção da disciplina e do sucesso educativo "Eco da Vida**" que teve como

	propósito potenciar o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, a valorização da aprendizagem e contribuir para a integração e adaptação destes alunos(as) aos valores sociais da cultura dominante da sociedade e consciencializar os restantes elementos do projeto para o respeito, aceitação e partilha com colegas de valores sociais e culturais diferentes dos seus. Na **Escola Secundária Marques de Castilho**, foi dinamizado um clube, na hora do almoço, no espaço cedido pela associação de estudantes com objetivo primordial de divulgação de tradições, hábitos e costumes dos jovens de etnia cigana. Foram dinamizados oficinas de dança e música desta etnia. Alunos(as) com outras origens ensinaram aos alunos(as) de etnia cigana Kizomba e Kuduro. Em coordenação com alguns diretores de turma, professores de Português e Área de Integração, dinamizou-se a atividade de "**Dez dedos de conversa"**, com o objetivo de divulgar a cultura cigana, abordando temas como o casamento, o luto, a lei dos mais velhos, a música, os símbolos e algumas palavras em caló/romani. Neste clube fez-se a comemoração do Dia Internacional do Povo Cigano no dia 10 de abril com a dinamização da sessão "Dez dedos de conversa".
Ano letivo 2017/2018	No dia 4 de maio**, Dia Aberto, esta sessão de "Dez dedos de conversa"** foi dinamizada para os alunos(as) do 1.º ciclo de Aguada de Baixo, desta vez com a presença do **mediador cultural** que, para além dos testemunhos que prestou, ao longo da exposição informativa, acompanhou, na guitarra, os alunos(as) que cantaram música cigana. De salientar ainda, que no âmbito do Clube Lançar Intercultural da Escola Secundária Marques de Castilho, as docentes e técnicas colaboraram e potenciaram a integração de alunos(as) de etnia cigana, que frequentaram o Clube, num projeto com alunos(as) europeus, designado **Open Your Arms integrado no Programa Erasmus + para a Juventude**, considerando que ambos os projetos tinham o objetivo comum de promover a integração de jovens e de minorias étnicas. A 23 de março, a coordenadora do Projeto, a convite do Coordenador do Núcleo Local de Intervenção de Águeda e em parceria com a Animadora Sociocultural do CENSI que colabora no âmbito do Projeto, **participou na reunião semanal** deste organismo, onde apresentou uma síntese do Projeto em termos de âmbito, objetivos, dinâmicas e resultados. O Departamento de Educação Especial, por proposta da docente que dinamizava o Projeto na Escola Básica de Aguada de Baixo, em colaboração com as docentes da escola, **apresentou o Projeto, na 1.ª Edição 2017/2018 do concurso Escola Amiga da Criança,** como uma ideia extraordinária, um exemplo do que no Agrupamento se concebe e concretiza para melhorar as condições de resposta da escola mais ajustada às necessidades diferenciadas da criança. Esta foi uma iniciativa da CONFAP em colaboração com algumas figuras públicas com o objetivo de distinguir com um selo de qualidade Escolas Amigas da Criança. **Apresentou-se o Projeto na categoria de Formação Cívica** como exemplo de uma estratégia que visa a aceitação interpares, a promoção da inclusão e o combate ao abandono escolar por parte de crianças de minorias étnicas. A **Escola recebeu a designação de Escola Amiga**. **Aplicação de inquéritos** a docentes, técnicos, alunos(as) e pais para aferir o impacto do Projeto, cujos dados são integrados nesta monografia.

Observámos que há aspetos contingentes a cada ano letivo, designadamente em função da disponibilidade de recursos, das características dos grupos e sua distribuição por níveis de ensino, com destaque para: a mobilidade por concurso de técnicos e docentes que interferiu com a dinâmica das equipas técnicas; a interrupção da intervenção do Mediador Cultural na Escola Básica n.º2 de Aguada de Cima, durante 3 anos letivos, e a diminuição de alunos de etnia no 1.º ciclo e aumento nos ciclos seguintes; a falta de coordenador autónomo e exclusivo para o Projeto. Outro constrangimento face à escassez de recursos de docentes no Departamento de Educação Especial foi o facto de a coordenação do Projeto ter sido englobada na coordenação geral desse departamento.

Por outro lado, observaram-se muitos aspetos de continuidade, tais como: a persistência da problemática, a manutenção dos objetivos e da dinâmica; a abordagem das áreas previstas, embora houvesse períodos de diminuição da intervenção no contexto das turmas; e a especificidade da intervenção dinâmica e articulada das docentes de Educação.

Finalmente as medidas da política nacional e internacional no âmbito da integração das comunidades ciganas e a legislação específica para fazer face a esta vivência de mútua exclusão entre sociedade maioritária e comunidades minoritárias deram maior significado e relevância ao Projeto. Entende-se que a experiência tem sido fonte de conhecimento interpessoal, ponte de ligação e canal de comunicação. Com o *Projeto Lançar Pontes*, todos, independentemente da sua circunstância e condição, têm lugar na Escola e voz enquanto cidadãos, independentemente da sua história ou cultura.

3 - Dinâmica do Projeto

Nos primeiros anos, o Projeto foi de conceção anual e posteriormente foi desenhado numa lógica plurianual, definido e aprovado para ciclos com uma média de três anos. Nesta última modalidade, no início de cada ano letivo, era revisto e ajustado, ao nível dos alunos(as) e turmas a envolver, dos recursos a afetar, revendo-se, também, os objetivos e dinâmicas. As atividades eram planificadas no início de cada ano letivo e feita a monitorização trimestral dos processos e resultados. A equipa do Projeto reunia a cada período para planificar e fazer a avaliação e monitorização das ações. Procedia-se trimestralmente a reuniões alargadas para balanço apresentado em Conselho Pedagógico.

Foi dinamizado em diferentes contextos: os alunos(as) são integrados em diferentes turmas, consoante a sua situação escolar. Nestes contextos são desenvolvidas atividades, de acordo com o seu nível etário, regime educativo e ano de escolaridade. Muitos beneficiam de medidas de suporte à aprendizagem e inclusão. Num ou mais tempos semanais, o Projeto contempla um espaço de interação grupal dinamizado por

docentes e /ou psicólogas dirigido a um número restrito de alunos(as), designadamente de etnia cigana, para trabalhar e reforçar competências específicas pessoais e sociais, num espaço específico designado grupo ou turma Lançar.

Ao nível das competências pessoais trabalham-se aspetos dos autocuidados, o asseio pessoal e o autoconceito pessoal e cultural. No âmbito de competências sociais, promove-se a capacidade de cumprir regras e a capacidade de participação nos processos de aprendizagem na vida da comunidade educativa, favorecendo a presente e futura participação cívica. Relembre-se que é ambição do Projeto assegurar a inclusão educativa e social, bem como a autonomia, a estabilidade emocional e garantir a igualdade de oportunidades por se constituírem como entraves à exclusão social. Entende-se que o conhecimento de aspetos da sua própria cultura (história, símbolos, tradições e personalidades ilustres) apetrecha os indivíduos de uma identidade forte, facilitadora de melhor aceitação do outro e da vivência da cidadania ativa.

3.1 Planificação

Anualmente foram atualizados os dados do Projeto e revista a planificação que, nos últimos anos, correspondeu genericamente ao que se regista na grelha seguinte. A título de exemplo, no anexo I inseriu-se um plano de trabalho específico desenvolvido no ano letivo 2010/2011 no âmbito do Grupo Lançar.

A planificação é desenhada partindo dos problemas identificados que genericamente são transversais, independentemente do nível de ensino. A diferenciação da intervenção é marcada, essencialmente, ao nível das estratégias e atividades implementadas e ao nível dos dinamizadores.

Problemas identificados	Domínio de intervenção	Estratégias/atividades	Responsável
Autoconceito negativo. Problemas de identidade. Baixo nível de responsabilidade Falta de autonomia. Problemas específicos de aprendizagem evidenciados, ao nível da motricidade,	**Turma Lançar** (1.º ciclo)	**1 - Desenvolvimento de ações** Rentabilização das Expressões Artísticas para atingir os objetivos do Projeto pelas suas possibilidades didáticas e por despertar interesse e o envolvimento dos alunos(as). Dinamização de atividades específicas dirigidas ao desenvolvimento da motricidade fina, à ampliação do conhecimento de si e à melhoraria da capacidade do uso integrado das partes do corpo. Exploração de situações práticas para alargar a expressividade e a criatividade.	Docente de Educação Especial em articulação com docentes titulares de turma/Educadora do Jardim de Infância

da comunicação e da linguagem. Lacunas muito estruturais no processo de socialização. Carências em termos das necessidades básicas, essencialmente na higiene pessoal e na saúde.		Trabalho específico para potenciar competências de comunicação e de desenvolvimento da linguagem. Atividades informativas/formativas de implementação de rotinas para melhoria dos autocuidados e da autonomia.	
		2- Dinamização da área de Formação Pessoal Promoção do sentido de pertença no grupo. Desenvolvimento do gosto pela escola e promover a motivação face à escola e às atividades escolares. Promoção da identidade pessoal, social e cultural desenvolvendo o autoconhecimento e promovendo a integração social. Promoção do desenvolvimento e treino de competências pessoais e sociais, nomeadamente ao nível da comunicação, da gestão de conflitos, da resolução de problemas e de relacionamento interpessoal. Identificação, reconhecimento e expressão das emoções. Ampliação da capacidade construtiva de gestão emocional.	Psicólogas, Técnica de Serviço Social e outros técnicos (definido a cada ano letivo)
	Grupo do Projeto Lançar (2.º/3.º ciclos)	**1 - Ação Pedagógica** Desenvolvimento de capacidades pessoais para construção de identidade individual. Trabalho em equipa e partilha com o grupo de pares. Promoção de áreas pessoais em termos de maturidade socioafetiva. Expansão da capacidade de lidar com a frustração. Superação de situações de egocentrismo. Melhoria da higiene pessoal diária. Automatização de rotinas de asseio e organização dos materiais e pertences. Participação em tarefas de grupo. Estimulação do interesse pela prática desportiva.	Docentes de Educação Especial

		Desenvolvimento da capacidade de planificação e execução da expressividade e da criatividade. Construção da sua identidade sociocultural e da noção de pertença. Expansão do conhecimento e da vivência da sua cultura: história, língua, cultura do povo, símbolos; Partilha na comunidade: relato de vivências pelos alunos(as) de etnia do 2.º e 3.º Ciclos, entoação do hino cigano, jogos tradicionais.	
	Grupo Lançar (alunos(as) de etnia do 2º/3ºciclo)	**2- Implementação da área de Formação Pessoal e Social** Promoção da identidade pessoal, social e cultural (personalidade, valores, autoestima, tomada de decisões, etc.) para um melhor autoconhecimento. Desenvolvimento das competências de comunicação: assertividade (capacidade de defenderem os seus direitos e interesses e respeitarem as opiniões, direitos e interesses dos outros), para a promoção de habilidades sociais. Exploração e gestão emocional: compreensão das emoções e das razões que as desencadeiam e promoção de competências de autocontrolo e de uma leitura e resposta adequada às emoções e sentimentos dos outros. Trabalho de consciencialização da importância da coesão grupal e para a independência: coesão, liderança, autonomia, confiança, competição, tomada de decisão, resolução de problemas e pensamento crítico. Desenvolvimento de competências para enfrentar riscos e limites: identificação dos limites individuais e gestão dos medos (desenvolvimento de sentimentos de confiança em si e nos outros e de responsabilidade). Identificação de comportamentos desviantes e aplicação das competências anteriormente desenvolvidas a essas situações.	Psicólogas dos Serviços de Psicologia e Orientação, do Centro de Recursos para a Inclusão Técnica de Serviço Social do Agrupamento e outros técnicos
Outras ações			
Intervenção dos Técnicos de Serviço Social - Intervenção direta com os alunos(as), na escola e em articulação com a família, constituindo-se como facilitadores de ações de formação parental e colaborando no controle da frequência escolar dos alunos(as).			
Intervenção SPO CM – Atendimento às famílias das crianças sinalizadas. Intervenção/acompanhamento psicológico individual.			

Articulação com o mediador cultural, docentes e outros técnicos que intervêm em articulação família/criança.

Mediador cultural

Objetivos

- Estabelecer uma relação de confiança e comunicação aberta com os representantes das partes;
- Procurar entender a situação de forma a refletir os respetivos pontos de vista e os fundamentos das opiniões, sentimentos, atitudes e ações;
- Estabelecer contacto entre as partes, garantindo uma comunicação eficaz, facilitando e/ou reforçando a comunicação e as relações entre as comunidades ciganas e a escola.

Ações principais

1 - Intervenção direta com os alunos(as), na escola e articulando com a família, constituindo-se como facilitador de ações de formação parental e colaborando no controle da frequência escolar dos alunos(as).

2 – Acompanhamento e participação nos grupos do Projeto Lançar em ações de divulgação das tradições, símbolos e especificidades da cultura cigana, nas turmas de origem dos participantes e nas diferentes escolas do Agrupamento.

3 - Dinamização de atividades com a Turma Lançar, explorando as áreas das expressões artísticas (dança, música, desporto) e manuais.
Estas ações estão concebidas para englobar a participação de especialistas das diferentes áreas.

Protocolo de Parceria com o CENSI (Centro Social Infantil de Aguada de Baixo) para proporcionar contextos de aprendizagem alternativos e significativos, através do trabalho direto e individualizado com crianças e jovens na Escola Básica de Aguada de Cima, na área de formação pessoal.

No âmbito da sua função de intervenção comunitária e social, a instituição identificou como problema central a existência de crianças e jovens provenientes de famílias em situação de desvantagem social a necessitar de desenvolver processos de autodeterminação para inverter estes ciclos de desvantagem social. Estas famílias de minorias étnicas ou não são apoiadas com rendimento social de inserção.
Identificaram crianças e jovens com baixas competências pessoais e sociais, necessidades educativas específicas, desmotivação e desvalorização do espaço escola, o que se repercute no seu sucesso académico. São altamente desvalorizados e carentes a nível afetivo, com problemas emocionais, baixa autoestima e problemas comportamentais. É evidente a falta de modelos de referência e a oportunidade de vivenciarem modelos alternativos aos da sua família.

Propuseram parceria de colaboração à escola e desde o ano letivo 2016/2017 são também agentes neste Projeto, pautando-se a sua ação pelos seguintes objetivos:

- Desenvolver/alicerçar competências pessoais e sociais;
- Promover o bem-estar ativo e dinâmico de crianças/jovens;
- Criar espaços ocupacionais de pertença e referência afetiva para crianças e jovens, complementares à escola e na própria escola;
- Proporcionar a aquisição de conhecimentos e aprendizagens práticas;
- Promover a participação, cooperação e implicação do público-alvo nas suas próprias aprendizagens, que possam evitar a reprodução do padrão da vida familiar;
- Promover a igualdade de oportunidades, o encontro entrepares e a ocupação saudável dos tempos livres;
- Promover o gosto pela frequência escolar e consequente valorização do espaço escola;
- Proporcionar um atendimento e escuta individualizado.

Pode afirmar-se que a intervenção tem como objetivo proporcionar contextos de aprendizagem alternativos e significativos, através do trabalho direto e individualizado com crianças e jovens, pertencentes às famílias acompanhadas no âmbito do Serviço de Atendimento / Acompanhamento Social do CENSI.

O trabalho reinicia a cada ano letivo com um novo grupo de participantes, embora alguns de continuidade, tendo a intervenção que ser reajustada, com base no público-alvo e em função do tema.

O método de trabalho tem sido semelhante ao longo dos anos, sendo criados tempos distintos de intervenção (de acordo com a disponibilidade dos alunos(as)) em que a Animadora Sociocultural do CENSI se desloca à escola, em horário extracurricular, em espaço cedido para o efeito, e desenvolve atividades com recurso a conversas informais, escuta ativa, trabalhos manuais e jogos lúdico-pedagógicos.

4. Recursos

- Humanos

Os intervenientes são as crianças, todos os docentes da escola, os assistentes operacionais, as docentes de Educação Especial; a Psicóloga dos Serviços da CM de Águeda, dos SPO do Agrupamento e do Centro de Recursos para a Inclusão da CERCIAG; o mediador cultural da CM de Águeda, as técnicas de Serviço Social; as famílias; e outros.

- Materiais, equipamentos e espaços

Os materiais são especificamente identificados na planificação de cada atividade e, regra geral, envolvem o material de desgaste comum. Sempre que necessário, são assegurados pela própria escola tanto os materiais específicos como os equipamentos. No início de cada ano letivo, nas respetivas escolas do Agrupamento em que o Projeto é dinamizado, é definido um local próprio, o que não invalida que, de acordo com o caráter da atividade, sejam utilizados outros espaços. Tem havido também o cuidado de integrar na planificação ações no exterior, tais como, saídas de campo e visitas de estudo com o intuito de alargar os contextos de aprendizagem e assegurar experiências reais enriquecedoras.

5 - Divulgação do projeto

O Projeto integra o Plano Anual de Atividades do Agrupamento e o processo de divulgação tem, a cada ano, assumido diferentes modalidades, destacando-se:

- Reuniões, no início do ano letivo, com todos os intervenientes, para apresentação do projeto e distribuição de funções;
- Plataforma Moodle;
- Apresentação formal a entidades parceiras;

- Sínteses trimestrais e relatórios anuais de acompanhamento e de monitorização de resultados apresentados em conselho pedagógico;
- Divulgação de atividades e trabalhos realizados na página do Agrupamento e na imprensa.

Podemos encontrar referências ao Projeto em:

a) Página do Agrupamento de Escolas de Águeda Sul
b) Página da Câmara Municipal de Águeda (http://bit.ly/35cRFi2)
c) Press Review Page (http://bit.ly/39q8iu8)
d) Diário de Notícias (http://bit.ly/39sLQ3c)
e) Terranova (http://bit.ly/2rEzrrZ) e (http://bit.ly/2SDqRow)
f) Diário de Viseu (http://bit.ly/39p8mu3)
g) Soberania do Povo (http://bit.ly/2QawtVO)

5 - Resultados dos alunos(as)

Em termos de avaliação global dos alunos(as), os registos salientam o interesse e empenho com que desenvolveram as tarefas, bem como a tomada de iniciativa para a realização de novas atividades. O comportamento adotado tem melhorado, observando-se progressivamente um maior cumprimento das regras, em paralelo com um maior envolvimento e empenho nas tarefas. A psicóloga que liderou a intervenção nos primeiros anos e com os primeiros grupos testemunhou que esta tarefa era muito difícil. A título de exemplo, reproduzimos uma das suas afirmações: "Eu não consigo que me ouçam dizer três palavras seguidas"… Outros registos dão conta de que se agrediam, não cooperavam nem interagiam, era difícil selecionar e implementar atividades que motivassem, que os levassem à ação construtiva e gerassem aprendizagem. Foi necessário recorrer a processos muito simples e primários, diferentes formas de expressão, atividades práticas e curtas, persistir, ter paciência e, também, que os próprios dinamizadores conseguissem resistir à frustração para prosseguir. O trabalho de equipa, a reflexão e o estudo foram essenciais para se confiar que a lógica, o desenho da estratégia e os princípios de base estavam certos e levariam aos objetivos.

Nos últimos anos, regista-se que a maioria dos alunos(as) cumpre as regras estabelecidas nas atividades nos grupos do Projeto, na sala de aula, e se envolve e cumpre as tarefas que lhe são atribuídas, mostrando mais ajuste comportamental nos diferentes espaços da escola.

Durante vários anos letivos, persistiu a dificuldade de alguns alunos(as) permanecerem todo o tempo dentro da sala de aula regular, uma vez que sentiam

necessidade de fazer algumas pausas nas tarefas para as conseguir concluir positivamente.

No sentido de superar os problemas identificados, fizeram-se reuniões com técnicos e com as famílias, havendo ações concertadas, nomeadamente, informação sistemática das faltas e cuidado acrescido do pessoal auxiliar no encaminhamento dos alunos(as) para sala de aula. Foi solicitado apoio à Câmara Municipal para a colocação da figura do mediador que tornasse a comunicação mais eficiente e que favorecesse o estabelecimento de relações de confiança.

O mediador cultural colaborou no levantamento de dados sobre os alunos(as) e estabeleceu contactos com as famílias e iniciou a intervenção junto dos alunos(as) ora em intervenção individual ora grupal. Apesar de ser uma intervenção curta, observaram-se alguns indicadores positivos como a frequência escolar e atitudes mais ajustadas ao contexto escolar.

Dos alunos(as) com quem se iniciou o Projeto e que fizeram a escolaridade neste Agrupamento não houve nenhum caso de abandono. A dificuldade identificada nos primeiros anos em transitar do 1.º para o 2.º ciclo já não existe. As raparigas frequentam a escola, tal como os rapazes, não havendo constrangimentos maiores para as raparigas nem o impacto negativo da diferença de género inicialmente sentida. São cada vez mais os alunos(as) alfabetizados e todos os alunos(as), em condições para cumprimento de Plano Individual de Transição, cumpriram experiências laborais em contextos de instituições ou empresas da comunidade. Transitaram entre ciclos para frequentar a Escola Secundária ou integrar escolas de formação para completarem a escolaridade até aos 18 anos e frequentaram cursos de formação, como qualquer outro aluno nas mesmas circunstâncias.

No entanto, apesar dos progressos, alguns ainda apresentam um comportamento socialmente criticável, em parte por resultado do desfasamento gerado por questões de padrão sociocultural. As regras de convivência social e valores que são o suporte da cultura, como o respeito, a amizade, a solidariedade ou o amor têm na cultura cigana uma expressão diferente da sociedade maioritária, assentando, sobretudo, na sobrevivência pessoal que passa essencialmente pela satisfação momentânea. Isto não quer dizer que estes valores não existam, mas sim que têm outra expressão.

Tendencialmente, as crianças e jovens de etnia cigana juntam-se com os colegas da sua etnia em todos os momentos que ocorrem fora da sala de aula, interagindo, regra geral, pouco com os outros colegas. O sentido de família e de grupo/clã é muito valorizado, sentindo estes alunos(as) que o seu mundo é diferente do dos outros, mas que é seu, onde sentem amor e proteção. Mostram-se

crianças/jovens felizes na sua cultura ainda que alguns vivam sem terem asseguradas algumas condições de bem-estar, higiene e alimentação.

Entre eles falam *Caló* derivado do *Romani*, fator talvez responsável pelas dificuldades na linguagem e na aprendizagem da leitura e da escrita, pela questão do bilinguismo, uma vez que só costumam ter contacto direto com a língua portuguesa quando ingressam na escola.

A nível emocional ainda se mostram carentes e fragilizados, revelando baixa autoestima, falta de controlo temperamental e muitas vezes um autoconceito distorcido.

Segundo a avaliação da técnica que dinamiza o grupo **Lançar com o CENSI**, a intervenção tem vindo a permitir um contacto individualizado com os alunos(as) e, simultaneamente, a criação de espaços ocupacionais de pertença, a criação de modelos de referência, o encontro entre pares, a promoção da autoestima e autoconceito, a ocupação saudável dos tempos livres, a criação de laços de amizade e sendo na escola, a consequente valorização deste espaço.

Em síntese, pode afirmar-se que a integração dos alunos(as) de etnia na dinâmica da escola foi complexa, revelando alguns alunos(as) especial dificuldade em cumprir as regras previstas no Regulamento Interno e registando-se problemas de absentismo, frequentando a escola mas não marcando presença em todas as aulas. Estas dificuldades progressivamente deixaram de ser sentidas nas sessões do Projeto. O processo de reversão destes problemas é complexo mas tem sido gradualmente efetivo. Pensa-se que a frequência do ensino pré-escolar tem sido um fator positivo de aproximação das famílias à Escola. Temos observado que os pais na educação pré-escolar participam mais nas atividades e reuniões dirigidas às famílias e que este acompanhamento está a estender-se ao modo como atuam em outros níveis de ensino, esbatendo-se a distância e havendo sinais de valorização da escola, em termos de promoção pessoal e social. Tais progressos vão sendo sentidos na melhoria da frequência escolar nos diferentes níveis de ensino, não se registando mais abandono nesta população escolar.

A equipa de dinamização considera que o Projeto se tem desenvolvido de forma positiva, tendo melhorado os resultados ao longo dos anos. Os alunos(as) são cada vez mais assíduos e pontuais e revelam-se mais interessados face às tarefas propostas. Persistem dificuldades mais significativas com alunos(as) que transitam entre escolas.

Os diferentes grupos têm-se mostrado satisfeitos e motivados com as sessões, tendo uma participação ativa nas atividades propostas, apesar de, por vezes, haver faltas sem qualquer justificação. Por outro lado, o facto de irem aparecendo novos participantes a pedir para frequentar as sessões também é um fator positivo, na medida em que se identificam com os temas desenvolvidos e com o método de trabalho criado.

Convém também salientar que para além do trabalho de intervenção direta na escola, há todo um trabalho de articulação com os profissionais de educação, assim como com a família, através da realização de reuniões ou visitas domiciliárias para consolidar toda a intervenção.

Ultimamente o enfoque tem sido colocado na inteligência emocional, dado ser vital para a capacidade de se reconhecer e avaliar os sentimentos individuais e os dos outros, assim como a capacidade de lidar com eles. A nosso ver, é a competência responsável por grande parte do sucesso de cada um, pelo autoconhecimento, pela capacidade de liderança, enformando a autodeterminação e a capacidade de superação.

O PROJETO LANÇAR PONTES, FALAR DE NÓS

A avaliação foi o meio privilegiado de aferição da qualidade da implementação do presente Projeto e realizou-se em diversos momentos ao longo da década em análise. Em cada ano letivo, nos momentos característicos da Escola para avaliação, foi feito o balanço da intervenção, sendo produzida uma síntese analisada trimestralmente em conselho pedagógico. No final de cada ano, foi elaborado um relatório e, a cada ciclo de implementação, fez-se uma avaliação mais aprofundada.

Inicialmente, os procedimentos de avaliação do grau de concretização, da eficácia e do impacto do Projeto cingiam-se à enumeração dos dados considerados mais relevantes. Os critérios incidiam sobre os resultados, estavam muito contingentes com o cumprimento ou não dos objetivos, resultando a apreciação, essencialmente, de um balanço qualitativo expresso pelos diferentes intervenientes. Confirmou-se que os propósitos foram maioritariamente cumpridos em termos de operacionalização de atividades e o absentismo foi controlado. Houve períodos em que as ações foram muito condicionadas pelas alterações na equipa de docentes e técnicos envolvidos na sua dinamização, o que derivou num certo abrandamento da dinâmica do Projeto. Houve também períodos em que a intervenção e a dinamização das atividades foram muito circunscritas aos grupos do Projeto e pouco dirigidas às turmas de referência.

À medida que se foi ajustando a temporalidade do Projeto e se teve um rumo mais claro, os próprios procedimentos de avaliação foram mais clarificados e planificados, definindo-se na última versão do Projeto **critérios, resultados esperados e instrumentos de avaliação**, tal como descrito no quadro 2, inscrito na página seguinte.

Quadro 2 – Processo de avaliação do Projeto

Critérios	Resultados esperados	Procedimentos e Instrumentos de Avaliação
▪ Número de atividades operacionalizadas. ▪ Número de participantes. ▪ Número de ocorrências disciplinares. ▪ Registo de casos de absentismo.	▪ Envolver no projeto 24 alunos(as) dos diferentes níveis de ensino. ▪ Diminuição das faltas injustificadas. ▪ Participação dos alunos(as) de minorias nas atividades da Escola, inseridos ou não nos grupos do Projeto, indicando valorização e sentimento de pertença em relação à escola. ▪ Mudança de comportamentos/atitudes, observando-se a diminuição de	▪ Registo da assiduidade dos alunos(as). ▪ Registos das ocorrências disciplinares (PTT). ▪ Trabalhos e registos de aprendizagem. ▪ Observação direta. ▪ Questionários/inquéritos aos alunos(as) e/ou registos de balanço dos alunos(as). ▪ Entrevistas/conversas com todos os intervenientes.

	ocorrências relativamente aos alunos(as) envolvidos no Projeto.	▪ Síntese trimestral e relatório anual. ▪ Relatório de análise da eficácia e pertinência de continuidade do Projeto – monografia.

O nível de assiduidade dos alunos(as) conferirá o reconhecimento da escola como espaço de aprendizagem, de satisfação e bem-estar, podendo significar que há harmonia e respeito pela diversidade e pela cultura de cada um.

A diminuição de ocorrências disciplinares em alunos(as) envolvidos no Projeto indiciam algum cumprimento do Regulamento Interno e progressos ao nível do desenvolvimento pessoal e social.

Os trabalhos e registos de aprendizagem são uma forma de avaliar a eficácia deste Projeto, pois o fim da frequência escolar é a aprendizagem. A observação direta permitirá compreender a qualidade das aprendizagens realizadas pelos alunos(as).

No final de cada ano letivo, o relatório elaborado, por todos os dinamizadores do projeto, tem como objetivo refletir sobre a sua operacionalização, permitindo obter *feedback* sobre a sua coerência (relação entre o projeto e o problema), eficácia (gestão e administração dos recursos e meios) e eficiência (relação entre a ação e os resultados).

O processo de reflexão e ação tem sido uma dinâmica característica do Projeto. Periodicamente, todos os intervenientes refletiram sobre o projeto, revendo a possibilidade de reajustes com sugestões inscritas no relatório de reflexão.

No final do ano letivo 2017/2018 procedeu-se à aplicação de questionários complementados com registos de balanço dos alunos(as), o que permitiu conhecer o seu nível de satisfação relativamente às atividades desenvolvidas e também averiguar sobre aspirações futuras, no sentido de se reformular a intervenção, ajustando-a aos novos dados e necessidades. Todos os intervenientes no processo foram consultados através de entrevistas/conversas para recolha de críticas e sugestões para o futuro, como também para compreender os diferentes pontos de vista quanto aos êxitos de implementação do projeto e às áreas a melhorar. Os resultados da aplicação de inquéritos por questionário na comunidade escolar a alunos(as), técnicos, encarregados de educação e docentes serão descritos no ponto seguinte.

1. Resultados dos Inquéritos Aplicados

Os inquéritos por questionário aplicados tiveram o propósito de perceber a perceção e opinião dos diferentes elementos da comunidade educativa sobre o impacto do *Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós* e de identificar o contributo do Projeto para a prossecução dos objetivos da Educação Inclusiva, tal como ilustra o Quadro 3.

Quadro 3 - Questionários

Questionários	Suporte	Caraterização do Público-alvo	Conteúdos em análise
Questionário 1 (Q1)	Online	Técnicos	Avaliação das ações implementadas e das prioridades de desenvolvimento.
Questionário 2 (Q2)	Papel	Alunos(as) não participantes	Perceção da ação inclusiva da escola e perspetiva sobre o impacto do Projeto enquanto facilitador da inclusão de alunos(as) de minorias étnicas.
Questionário 3 (Q3)	Papel	Pais de alunos(as) da escola do 1.º 2.º e 3.º ciclo	Conhecimento das ações implementadas e das prioridades de desenvolvimento.
Questionário 4 (Q4)	Papel	Alunos(as) participantes de minorias étnicas ou não	Impacto do Projeto como facilitador da inclusão na escola e do desenvolvimento pessoal e social.
Questionário 5 (Q5)	Online	Docentes da componente comum e específica e da educação especial	Avaliação das ações implementadas e das prioridades de desenvolvimento.

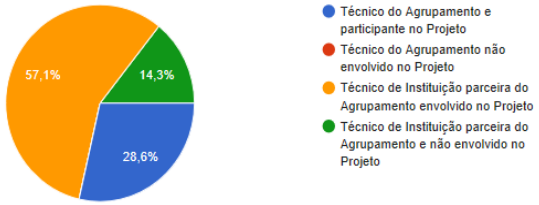
Os inquéritos foram elaborados com base no INDEX para a Inclusão – Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola (versão portuguesa) e estruturados nas três dimensões identificadas como necessárias para o desenvolvimento da inclusão na escola:

Dimensão A – Criar culturas inclusivas;
Dimensão B – Implementar políticas inclusivas;
Dimensão C – Promover práticas inclusivas.

1.1 - Resultados dos inquéritos aplicados a técnicos (7 inquéritos válidos)

Questionário 1 (Q1) aplicado a técnicos do Agrupamento e parceiros (do Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) – CERCIAG e do Centro Social Infantil - CENSI) através de resposta online.

a) Situação no Projeto

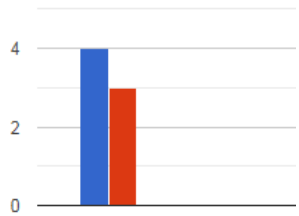


b) Resultados

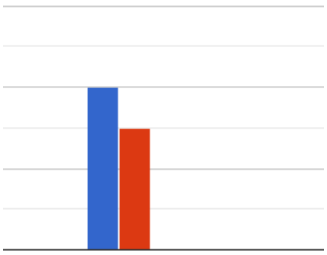
Dimensão A - Criar culturas inclusivas

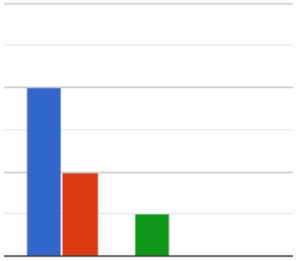
Nesta dimensão procurou-se compreender a perceção dos técnicos relativamente a modos de acolhimento, colaboração e expectativas, face aos domínios da construção do sentido de comunidade e do estabelecimento de valores inclusivos.

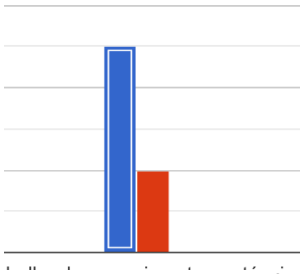
	Concordo inteiramente		Concordo até certo ponto		Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Preciso de mais informação

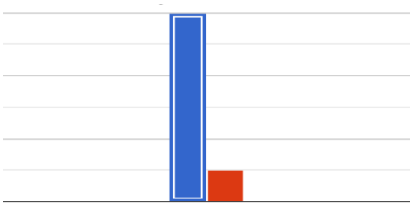


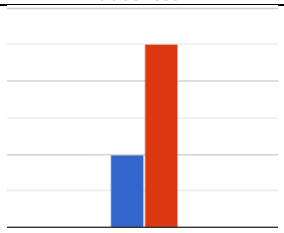
Todos se sentem bem-vindos à escola.

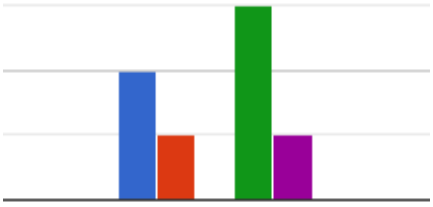

Os profissionais colaboram entre si.


Os profissionais e os alunos(as) tratam-se mutuamente com respeito.

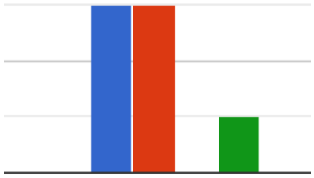

Existe trabalho de parceria entre os técnicos e os docentes.


Os profissionais e as estruturas de direção e coordenação do Agrupamento trabalham de forma construtiva.

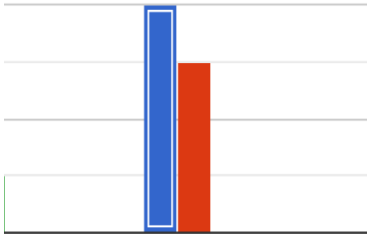

A Comunidade local está envolvida com a escola.



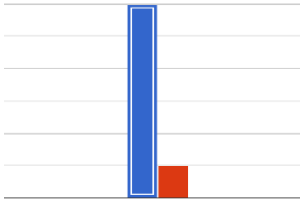
Os profissionais e os alunos(as) entendem que a origem da discriminação está na intolerância à diferença.



Existem expectativas elevadas de desempenho para todos os alunos(as), designadamente os de minoria.



Os profissionais, os órgãos de gestão, os alunos(as) e os pais defendem a inclusão de todos os alunos(as), nomeadamente os de minorias étnicas.

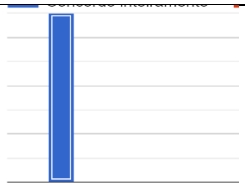


O Projeto Lançar Pontes constitui uma resposta da Escola às dificuldades de integração de crianças/jovens de minorias.

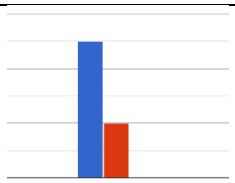
Dimensão B – Implementar políticas inclusivas

Na avaliação desta dimensão esteve presente o objetivo de perceber como se desenvolve a escola para responder a todos e de identificar o modelo de organização de apoio à diversidade.

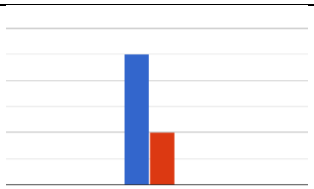
	Concordo inteiramente		Concordo até certo ponto	O objetivo de	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Preciso de mais informação



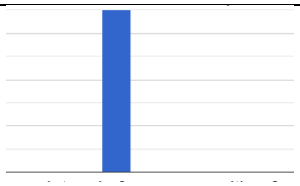
O Projeto Lançar Pontes é um modelo de intervenção inclusivo.



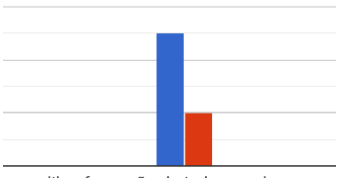
Todos os novos alunos(as) são ajudados a integrar-se na escola.



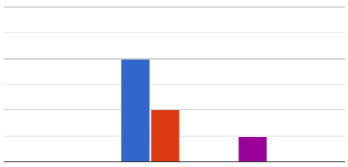
A escola organiza turmas de forma a dar oportunidades a todos os alunos(as), aplicando critérios pedagógicos.



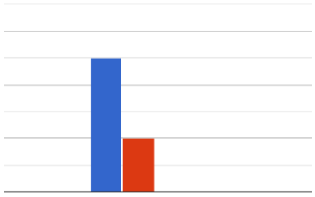
A escola implementa projetos de forma a permitir a formação de todos os alunos(as).



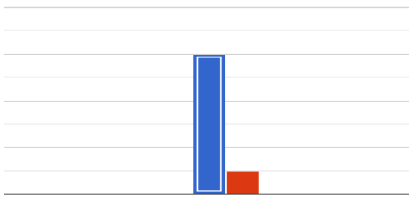
Todas as formas de apoio são coordenadas.



As ações de formação dos profissionais contribuem para responder à diversidade dos alunos(as).



As políticas relativas à intervenção com minorias são clara e objetivamente políticas de inclusão.

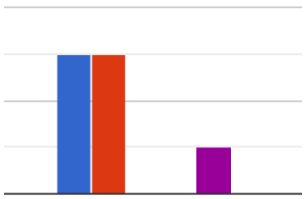


Os projetos são criados no sentido de reduzir as barreiras à participação e aprendizagem de todos os alunos(as), nomeadamente os alunos(as) de etnia.

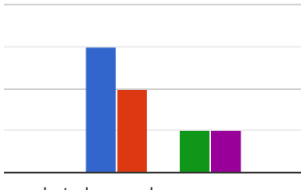
Dimensão C - Promover práticas inclusivas

Nesta dimensão procurou-se compreender o modelo de organização da aprendizagem e perceber os processos de mobilização de recursos.

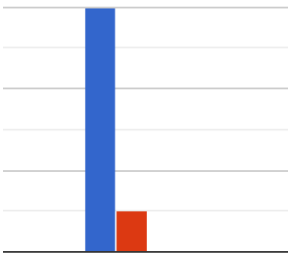
	Concordo inteiramente		Concordo até certo ponto		Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Preciso de mais informação



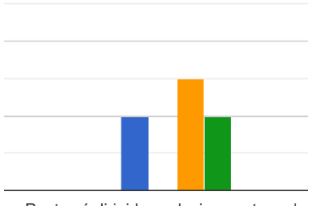
O ensino é planeado atendendo à aprendizagem de todos os alunos(as).



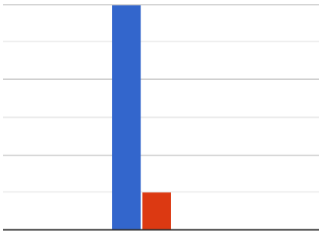
Nas aulas é encorajada a participação de todos os alunos(as).



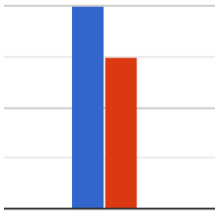
Os alunos(as) do Projeto fazem boas aprendizagens com a turma.



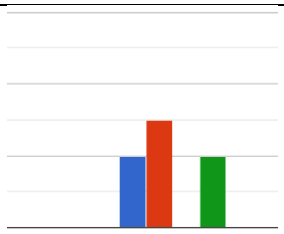
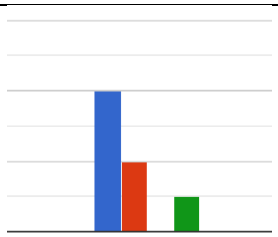
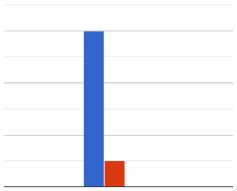
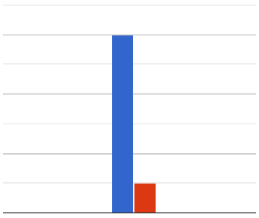
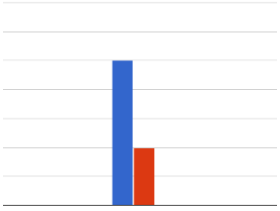
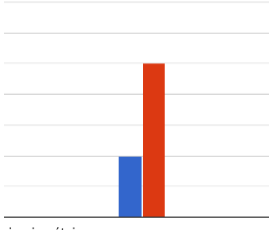
O Projeto Lançar Pontes é dirigido exclusivamente a alunos(as) de minorias étnicas.



Os alunos(as) aprendem colaborando uns com os outros.



Os docentes trabalham com os técnicos de forma colaborativa.

 Todos os alunos(as) participam nas atividades realizadas fora da sala de aula.	 A diferença entre alunos(as) é utilizada como recurso para o ensino e aprendizagem.
 Os alunos(as) beneficiados com o Projeto Lançar Pontes revela progressos no desenvolvimento pessoal e social.	 O Projeto Lançar Pontes tem sido um facilitador no acolhimento aos alunos(as) de minorias étnicas.
 O Projeto Lançar Pontes tem facilitado a frequência escolar dos(as) alunos(as) de minorias étnicas e o combate ao abandono escolar.	 O Projeto é divulgado e conhecido na comunidade.

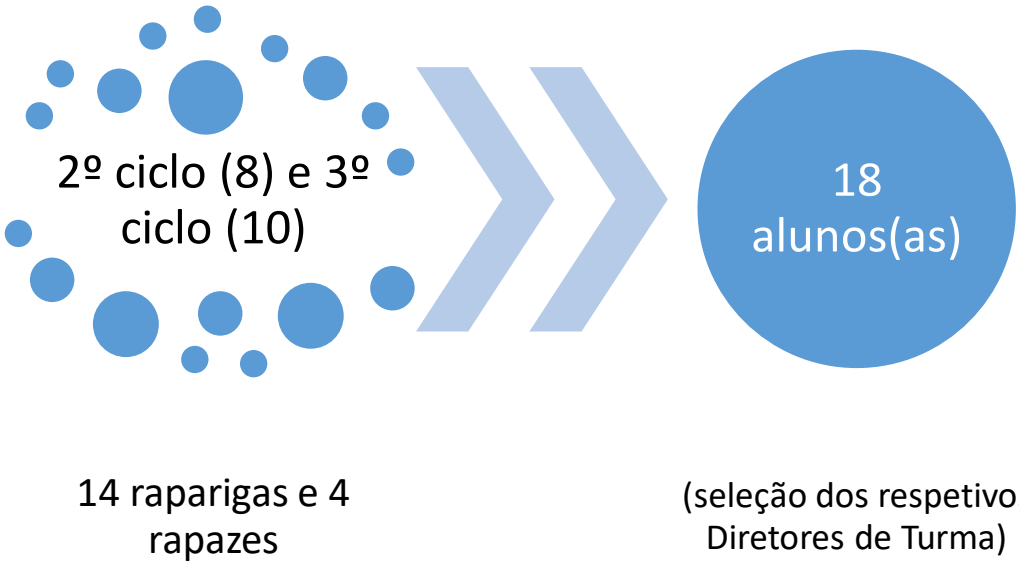
Além das questões integradas para se recolher a perceção dos técnicos sobre o Projeto, ao nível das três dimensões em análise, foi também disponibilizado espaço, em questão aberta, para indicarem duas propostas ou preocupações em relação a prioridades para o desenvolvimento da inclusão de alunos(as) de minorias étnicas. Registaram as propostas seguintes:

- ✓ Continuidade do *Projeto Lançar Pontes* e desenvolvimento de um manual de boas práticas que possa ser distribuído por outros agrupamentos de escolas.
- ✓ Necessidade de mais recursos económicos escolares que facilitem a dinamização de atividades com as minorias étnicas.
- ✓ Aposta no enfoque aos alunos(as) de não etnia, no sentido de facilitar a integração em grupos "heterogéneos".
- ✓ Mobilização da participação na escola de pessoas de etnia cigana com formação para colaborarem na apresentar o projeto noutros agrupamentos escolares.
- ✓ A importância da continuidade deste tipo de projetos e respetivos técnicos envolvidos.
- ✓ Criação de mais espaços de partilha da herança cultural, pela dinamização de mais atividades na e para a comunidade;

- ✓ Criação de mais espaços de diálogo, promovendo uma maior envolvência dos pais.

Questionário 2 – Alunos(as) não participantes (18 inquéritos válidos)

a) Situação dos(as) alunos(as)

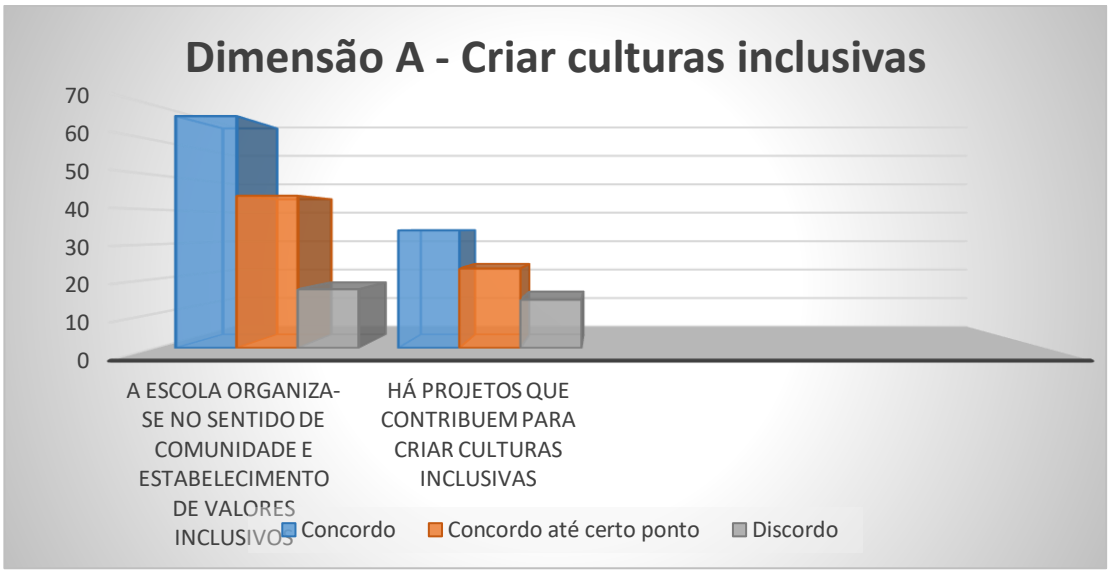


O questionário 2 (Q2) foi aplicado a **alunos(as) não participantes das escolas em que se tem dinamizado o Projeto.** Excluiu-se a Escola Secundária Marques de Castilho dado o Projeto ter sido implementado apenas no ano letivo da aplicação do inquérito e se pretender uma perspetiva de o início. O questionário foi distribuído a alunos(as) do 1.º ciclo do 3.º e 4.º anos da Escola Básica de Aguada de Baixo e a dois alunos(as) de cada turma (delegado e subdelegado) do 2.º e 3.º ciclo da Escola Básica n.º 2 de Aguada de Cima, recorrendo à escala de opinião "Concordo", "Concordo até certo ponto" e "Discordo".

b) Resultados

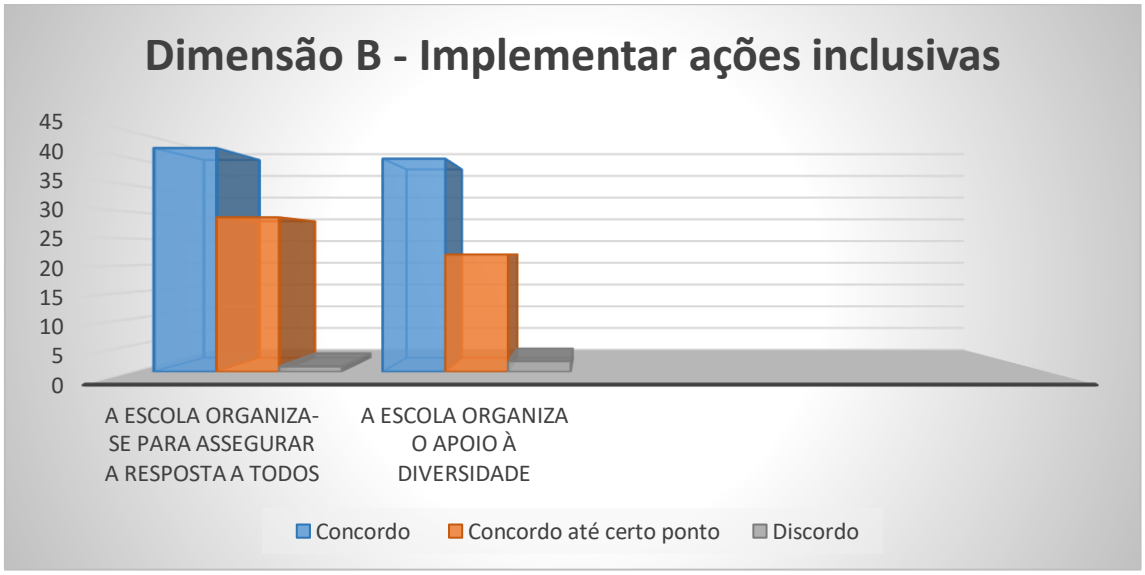
Dimensão A - Criar culturas inclusivas

Nesta dimensão procurou-se compreender a perceção dos(as) alunos(as) face aos domínios de construção do sentido de comunidade e de estabelecimento dos valores inclusivos.



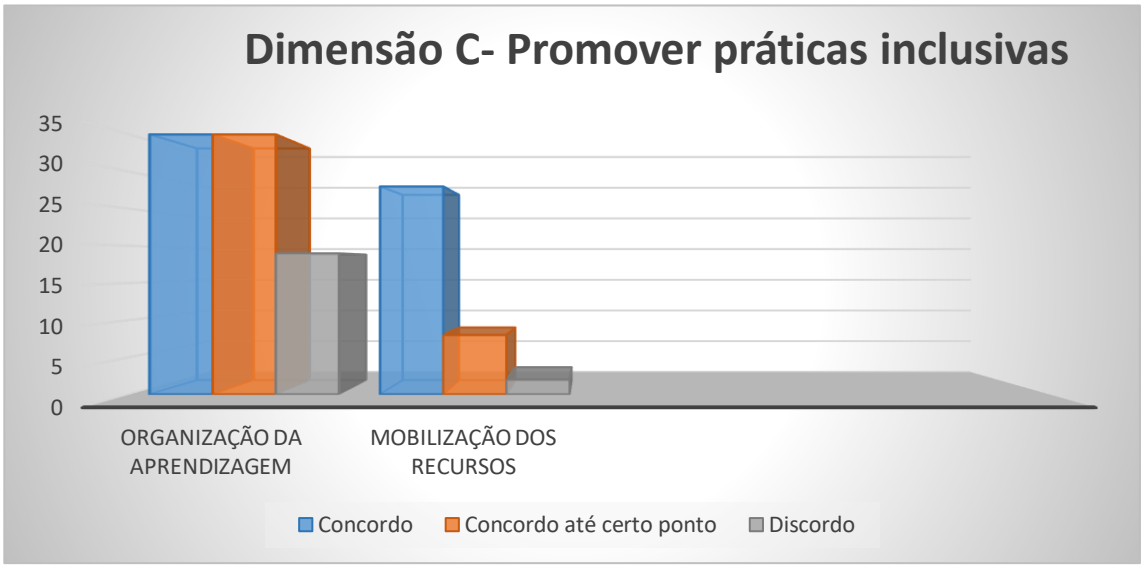
Dimensão B - Implementar políticas inclusivas

Na dimensão B – implementar ações inclusivas, procurou-se analisar os dados em função de dois aspetos relacionados com o desenvolvimento da escola para todos e com a organização do apoio à diversidade.



Dimensão C - Promover práticas inclusivas

Na dimensão C – Promover práticas inclusivas – os dados foram analisados em função dos modos de organizar a aprendizagem e de mobilizar os recursos.

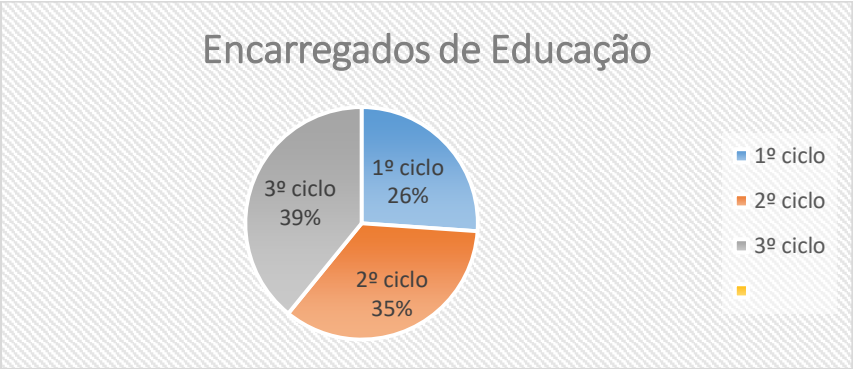


c) Resposta aberta

À semelhança do Q1, também o Q2 incluiu pergunta de resposta aberta. Em resposta à solicitação de coisas que gostaria de mudar na escola, são apresentadas sugestões, nomeadamente: a melhoria dos equipamentos e dos espaços (ex. desempenho e número de computadores, a resposta da cantina); a forma de acolhimento, sugerindo mais simpatia das assistentes operacionais; a metodologia de trabalho em algumas aulas (ex. trabalhar mais em grupo, mais visitas de estudo); e a necessidade de mudar o comportamento de alguns alunos(as), sugerindo mais respeito pelos professores e pelos assistentes operacionais. Sugerem também intervalos mais alargados. Um aluno do 3.º ciclo sugere expressamente "Os(as) alunos(as) de etnia mudarem de escola"

Questionário 3 (Q3) – dirigido a pais de alunos(as) da escola do 1.º, 2.º e 3.º ciclo em que se dinamiza o Projeto (23 inquéritos válidos)

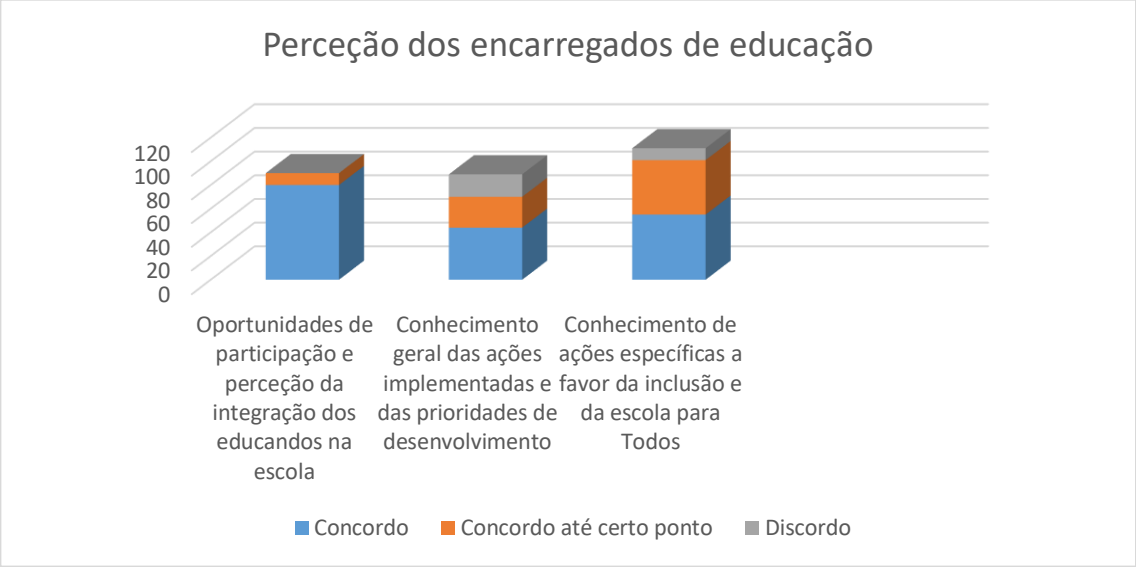
a) Distribuição por nível de ensino



b) Resultados

No sentido de simplificar o modelo do inquérito, em função do conhecimento que temos das características da comunidade, os formulários abordaram essencialmente aspetos de informação e possibilidade de participação. Os resultados da opinião, expressa na escala de Likert "Concordo", "Concordo até certo ponto" e "Discordo", foram analisados em três dimensões:

1. Oportunidades de participação e perceção da integração dos educandos na escola;
2. Conhecimento geral das ações implementadas e das prioridades de desenvolvimento;
3. Conhecimento de ações específicas a favor da inclusão e da escola para todos.



c) **Resposta aberta:**

O inquérito aplicado aos encarregados de educação possibilitava também, em resposta aberta, a inscrição de comentários sobre a Escola e o Projeto, relativos à inclusão de alunos(as) de minorias étnicas, no sentido de contribuirem para tornar a escola um lugar melhor para todos. Registaram-se 5 comentários neste espaço, que se transcrevem:

- " Concordo perfeitamente com a inclusão de todas as etnias, com a devida atenção por todos em igual, porque, pelo facto de ser de outras etnias, não devem ser tratados melhor ou pior que os restantes."
- "Concordo que a escola tenha abraçado este projeto, pois se é para melhor..."
- " É salutar o contacto dos nossos filhos com alunos(as) de diferentes culturas e etnias. No entanto, considero que estes últimos devem também ser devidamente acompanhados, nomeadamente os alunos(as) de etnia cigana para que, também eles, se possam adaptar à escola e à convivência com alunos(as) provenientes de realidades diferentes da sua. Só com um maior esforço da parte de toda a comunidade educativa se poderá criar um ambiente salutar e de respeito entre todos."

- "Deveria haver mais rigor na aplicação de regras e na disciplina."
- " Estou completamente de acordo com este tipo de projetos e similares, uma vez que são muito benéficos para os alunos(as). Porém discordo em absoluto que não nos sejam apresentados, de preferência no início do ano letivo, estas atividades, bem como os objetivos."

Questionário 4 (Q4) – Alunos(as) participantes no Projeto

A aplicação deste questionário a alunos(as) participantes no projeto de minorias étnicas ou não tinha subjacente a necessidade de compreender a validade pedagógica do Projeto, procurando-se, na ótica do aluno, avaliar o seu impacto como facilitador da inclusão na escola e do desenvolvimento pessoal e social.

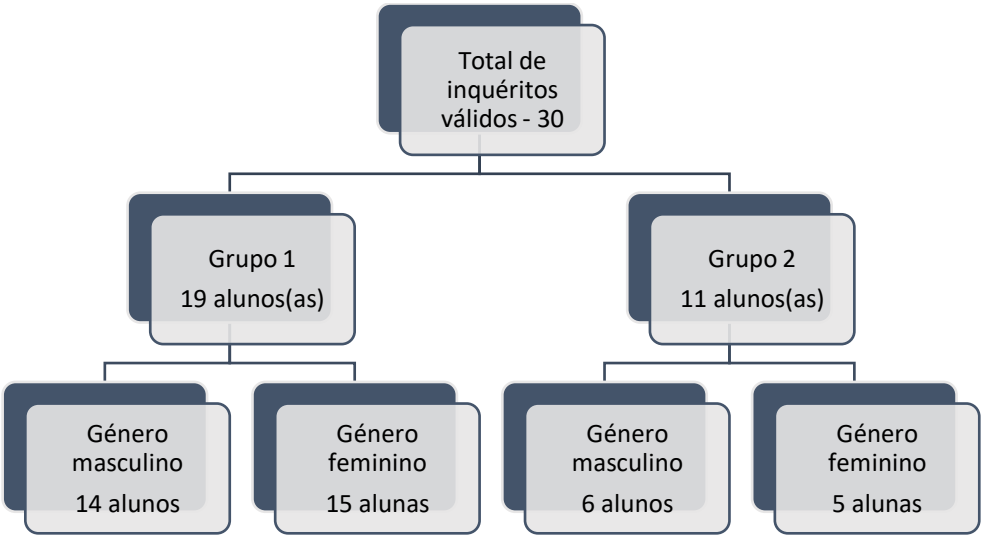
Os participantes no Projeto não têm sido alunos(as) exclusivamente de etnia cigana. No sentido de perceber se o impacto é diferente, embora o questionário aplicado tenha sido único, os dados foram tratados em grupos diferentes. O grupo de alunos(as) participantes **não pertencentes a uma minoria étnica designa-se por Grupo 1** e o grupo de participantes de **etnia cigana por Grupo 2**.

Os resultados foram analisados em duas dimensões:

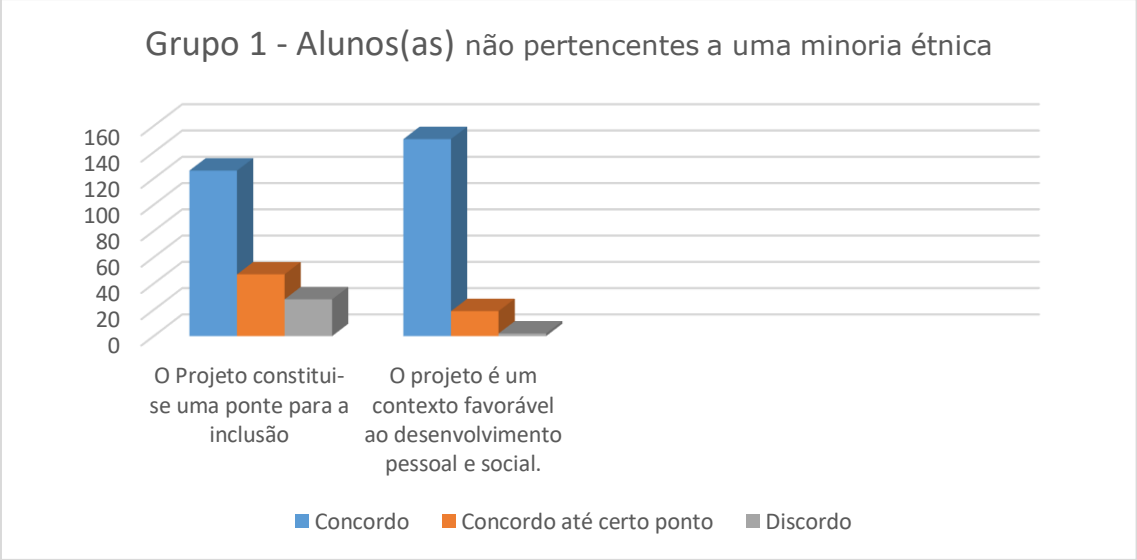
- O Projeto como ponte para a inclusão;

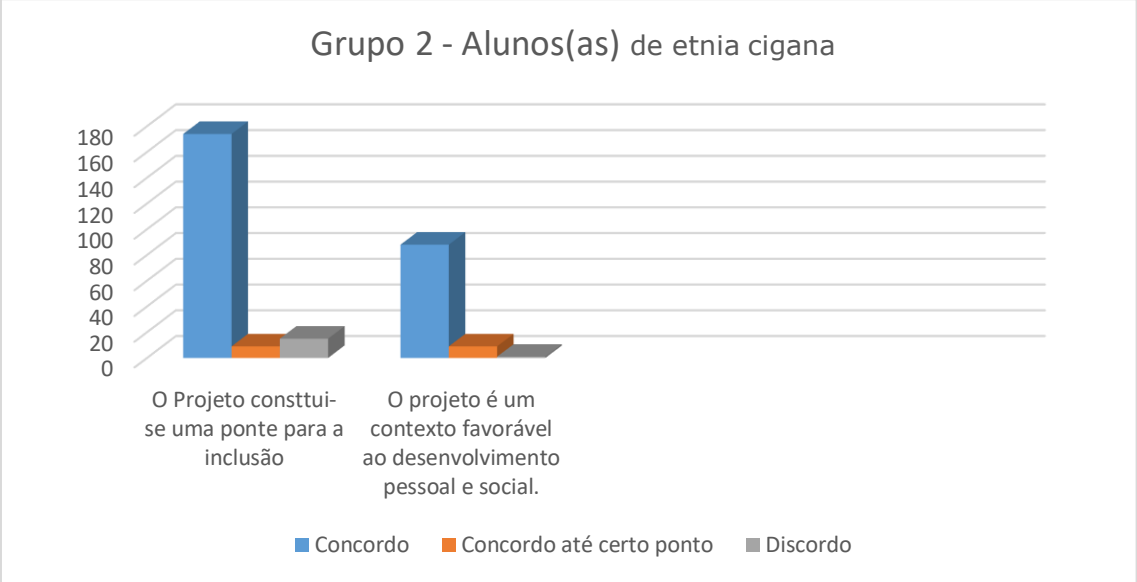
- O projeto como contexto favorável ao desenvolvimento pessoal e social.

a) Caracterização do grupo



b) Resultados





c) Resposta aberta:

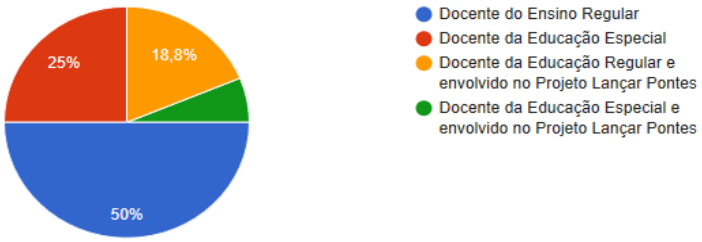
No inquérito aplicado aos alunos(as) participantes nas atividades do Projeto, o espaço de resposta aberta foi concebido para lhes dar voz e perceber o que mais os satisfaz, solicitando que registassem as três coisas que mais gostam no *Projeto Lançar Pontes.* Obtiveram-se os seguintes pareceres:

Grupo 1	***Grupo 2***
➢ Ter uma professora fixe ➢ Divertir-me ➢ Ter confiança ➢ As atividades ➢ Tudo ➢ *Fazer as atividades* ➢ *Pintar* ➢ *Fazer coisas novas* ➢ *Aprender coisas novas* ➢ *Gosto de trabalhar em grupo* ➢ *Gosto de trabalhar com os meus colegas* ➢ *Gosto de jogar jogos sobre a vida* ➢ *Debate de ideias* ➢ *Dançar, conviver, espairecer* ➢ *Os jogos, a música, as histórias*	➢ Dançar ➢ Divirto-me ➢ Gosto de estar com os meus amigos ➢ Também gosto de ensinar a minha dança e aprender coisas novas e danças ➢ Dez dedos de conversa (uma atividade realizada para divulgar a cultura cigana no Agrupamento) ➢ Atividades ➢ Professoras ➢ Jogos ➢ Música ➢ Quando fazemos trabalhos que nos interessam ➢ Quando nós estamos juntos ➢ Brincar em conjunto ➢ Ouvir música e cantar ➢ Aprender

Questionário 5 (Q5) - Docentes (Componente comum, da Componente específica e da Eucação Especial) – 16 respostas válidas

Com este inquérito procurou-se avaliar as ações implementadas e aspetos das prioridades definidas, assim como aspetos do desenvolvimento do Projeto e do seu impacto ao longo da década em análise.

a) Caracterização da condição



b) Resultados

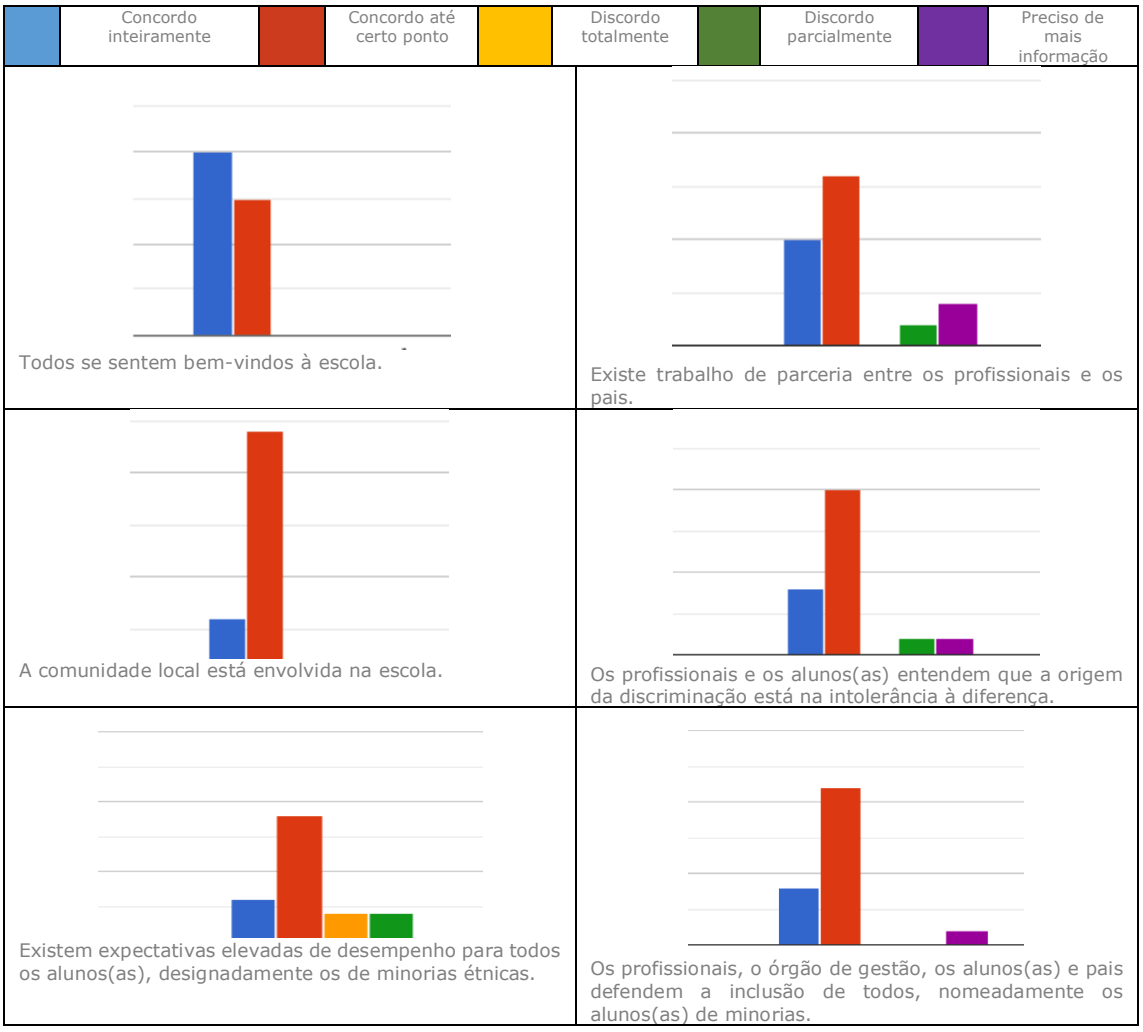
Os resultados dos questionários aplicados a docentes foram analisados pelo mesmo modelo de análise aplicado aos técnicos, considerando-se as três dimensões:

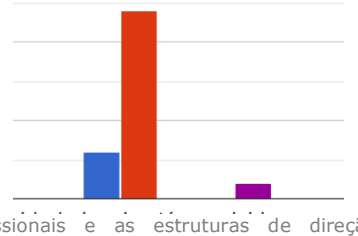
- **Dimensão A** -Criar culturas inclusivas, considerando como indicadores o respeito e bem-estar na escola, relações de colaboração e parceria dentro e fora da escola e perceção sobre fatores de discriminação.

- **Dimensão B** - Implementar políticas inclusivas, tomando como indicadores a perceção sobre ações e projetos a favor da inclusão, designadamente o *Projeto Lançar Pontes* e o impacto dos processos de articulação, coordenação e planificação na resposta a todos.

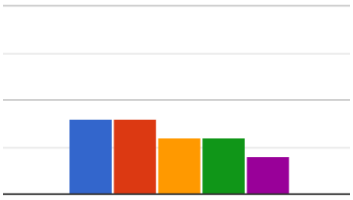
- **Dimensão C** - Promover práticas inclusivas, tendo em conta aspetos como a importância do Projeto para a qualidade da resposta às minorias, a universalidade da resposta da escola e o impacto do Projeto no desenvolvimento pessoal e social dos alunos(as), bem como para a melhoria da frequência escolar.

Dimensão A - Criar culturas inclusivas

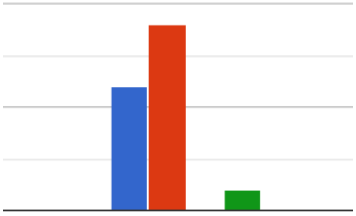




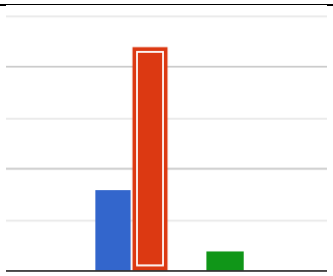
Os profissionais e as estruturas de direção e de coordenação do Agrupamento trabalham de forma construtiva.



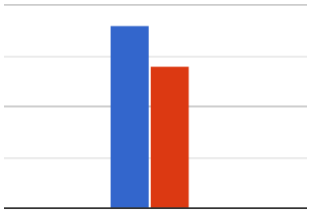
Reconhece-se a existência de discriminação institucional e a necessidade de minimizar todas as suas formas.



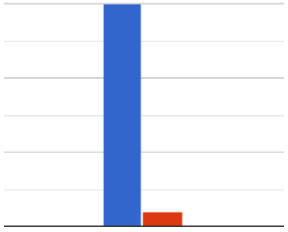
Os profissionais e os alunos(as) tratam-se mutuamente com respeito.



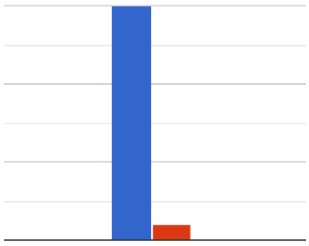
Os alunos(as) ajudam-se mutuamente.



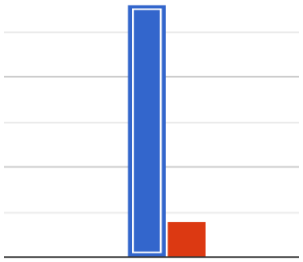
Os profissionais colaboram entre si.



A escola empenha-se em minimizar todas as formas de discriminação.



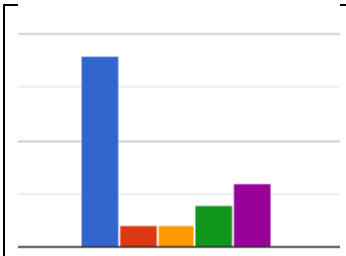
Na escola está-se atento às pressões tendentes à exclusão dos alunos(as) de minorias.



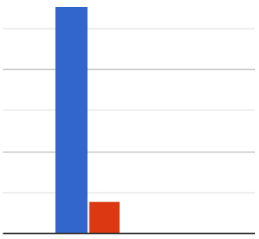
A escola implementa ações e Projetos para minimizar as formas de discriminar os alunos(as) de minorias étnicas.

Dimensão B - Implementar políticas inclusivas

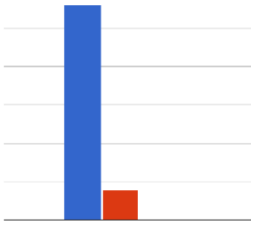
	Concordo inteiramente		Concordo até certo ponto		Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Preciso de mais informação



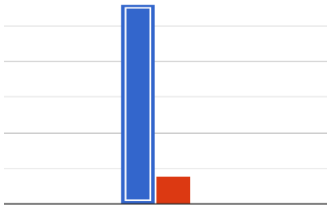
A escola implementa projetos de forma a permitir a formação de todos os alunos(as).



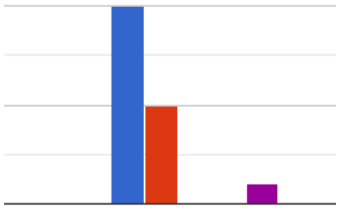
O Projeto Lançar Pontes é um modelo de intervenção inclusivo.



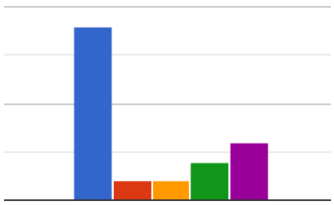
Todos os novos alunos(as) são ajudados a integrar-se na escola.



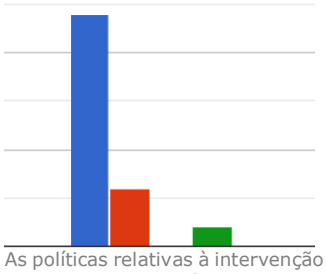
A escola organiza turmas de forma a dar oportunidade a todos os alunos(as), aplicando critérios pedagógicos.



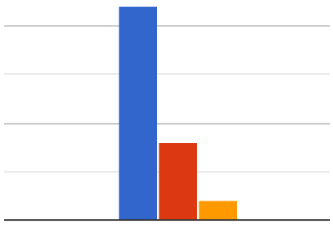
Todas as formas de apoio são coordenadas.



As ações de formação dos professores contribuem para melhor responder à diversidade dos alunos(as).



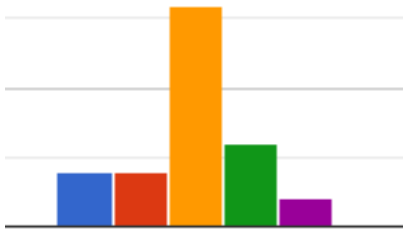
As políticas relativas à intervenção com minorias são clara e objetivamente políticas de inclusão.



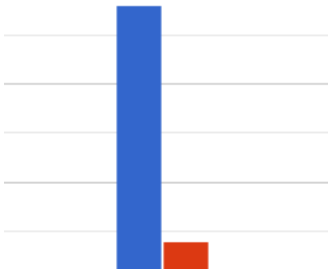
Os dispositivos normativos e de orientação vão no sentido de reduzir as barreiras à aprendizagem e participação de todos os alunos(as), nomeadamente aos alunos(as) de minorias étnicas.

Dimensão C - Promover práticas inclusivas

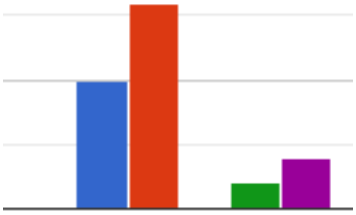
	Concordo inteiramente		Concordo até certo ponto		Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Preciso de mais informação



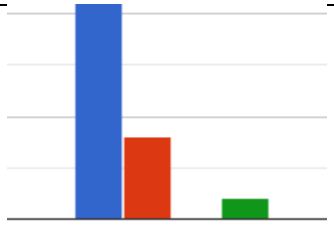
O Projeto Lançar Pontes é dirigido exclusivamente a alunos(as) de minorias étnicas.



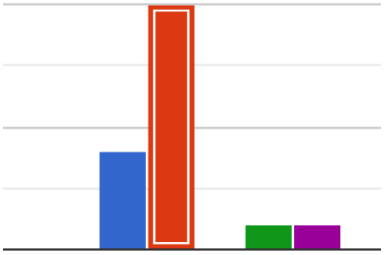
O Projeto Lançar Pontes tem sido um facilitador no acolhimento aos alunos(as) de minorias étnicas



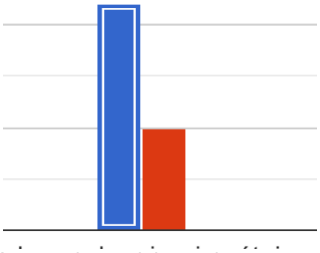
Todos os alunos(as) participam nas atividades realizadas fora da sala de aula.



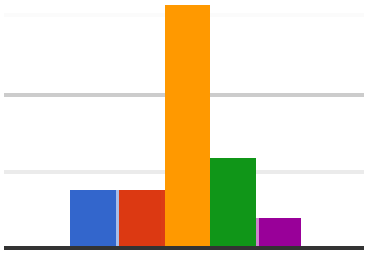
O ensino é planeado atendendo à aprendizagem de todos os alunos(as).



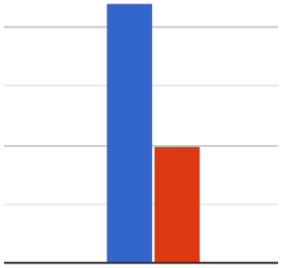
Os alunos(as) do Projeto fazem boas aprendizagens com a turma.



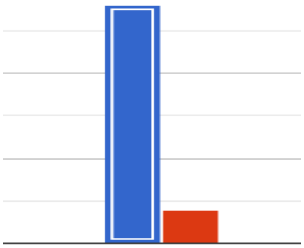
Os alunos(as) aprendem colaborando uns com os outros.



A diferença entre os alunos(as) é usada como um recurso do processo de ensino aprendizagem.



Os alunos(as) beneficiários do Projeto revelam progresoso no desenvolvimento pessoal e social.



O Projeto Lançar Pontes tem facilitado a frequência escolar dos alunos(as) de minorias étnicas e o combate ao abandono escolar.

c) Resposta aberta:

No inquérito aplicado aos docentes foi disponibilizado um campo de resposta aberta para o registo de propostas/ preocupações em relação a prioridades para o desenvolvimento da inclusão de alunos(as) de minorias étnicas. Transcreve-se de seguida a informação registada.

Vejo com preocupação o abandono escolar levado a cabo por crianças de minoria étnica, quando atingem determinada idade, o que leva a concluir que, mesmo com todo o esforço de integração que é feito, ainda há uma barreira em aceitar a mudança, por parte deles. Contudo, também é com agrado que vejo alguns (poucos?) desses alunos a seguir o seu percurso escolar.

A principal preocupação é que por vezes os alunos de etnia não mostram vontade em se integrar

proporcionar-lhes aprendizagens significativas relativas à sua etnia

A realização de mais atividades em que as crianças de etnia mostrem aos outros as suas especificidades culturais.

Proponho a continuidade do projeto nos moldes em que tem sido realizado, no entanto, exige-se que se estenda mais para dentro das salas de aula como um elemento enriquecedor do processo de ensino- aprendizagem. Também seria espectável que no próximo ano se conseguisse promover atividades que permitissem a colaboração dos encarregados de educação dessas minorias.

Maior intervenção junto das famílias e essa intervenção ser mais assertiva e sistemática.

A partir do 1º CEB seria bastante pertinente a criação de clubes/oficinas práticas relacionadas com os interesses destes alunos (dança, canto, música, culinária, cestaria, pintura, jardinagem...), promovendo, desta forma, o gosto pela escola e a sua respetiva socialização.

Os encarregados de educação desses alunos devem valorizar mais a escola.

A impossibilidade de dedicar um tempo de maior qualidade aos alunos de minoria étnica por o foco da aula estar no controlo constante do comportamento e envolvimento nas tarefas escolares, do grupo turma.

Preocupações - não conseguir que os alunos de etnia cumpram as regras básicas na escola e fornecer -lhes oportunidades/favorecimentos que não estamos a fornecer a outros alunos.

Promover uma maior participação de todos os alunos de etnia nas atividades realizadas fora do contexto sala de aula/Escola.

Não permitir que, no final da escolaridade obrigatória, estes jovens fiquem entregues à sua sorte, mas, encontrar saídas profissionais para eles.

Tempo para adaptar o tipo de avaliação a alunos diferentes.

Desenvolver ações que envolvam todos os pais de forma a promover/desenvolver esta temática

a sua assiduidade

2 - Resumo da informação dos inquéritos (Análise SWOT)

Pontos fortes	✓ Reconhecimento do conceito de escola para todos; ✓ Identificação do Projeto como um modelo de intervenção inclusivo e validação da sua a continuidade. ✓ Reconhecimento pelos técnicos do Projeto como uma estratégia para minimizar a exclusão e afirmação de que a Escola se esforça por minimizar todas as formas de discriminação. ✓ Reconhecimento pelos alunos(as) de que a escola se organiza para responder à diversidade, sendo favorável ao desenvolvimento pessoal e social. Este ponto forte evidencia uma opinião alargada do Projeto enquanto ponte para a inclusão. Não há grande diferenciação de opinião entre alunos(as) de etnia cigana e alunos(as) não ciganos relativamente aos aspetos positivos que reconhecem ao Projeto. ✓ Concordância dos encarregados de educação com a organização de uma resposta educativa para todos os alunos(as).
Pontos fracos	✓ Insuficiente trabalho de parceria sentido por técnicos e docentes. ✓ A intolerância à diferença ainda é percecionada como fator muito significativo para a discriminação. ✓ Perceção negativa de algumas formas de acolhimento e de interação por parte dos alunos(as). ✓ Questionamento dos encarregados de educação relativamente ao rigor com que as regras e a disciplina são aplicadas. ✓ Não reconhecimento pelos docentes do envolvimento suficiente da comunidade. ✓ Questionamento da eficácia dos processos de divulgação do Projeto, através das opiniões dos vários grupos que denunciam desconhecimento de alguns objetivos e dinâmicas.
Potencialidades	✓ A dinâmica, os temas e as pessoas envolvidas são reconhecidos pelos alunos(as) como aspetos positivos. ✓ Possibilidade de criação de um manual de boas práticas para divulgação como exemplo de boa intervenção neste domínio. ✓ Metodologias de aprendizagem em grupo promotoras do envolvimento dos alunos(as) nas atividades. ✓ Concordância dos encarregados de educação com os fundamentos do Projeto, devendo as famílias ser mais envolvidas. ✓ Reconhecimento pelos docentes de que a escola está atenta aos fenómenos de excusão.

	✓ Necessidade de dinamizar mais atividades na comunidade e de gararntir maior envolvência dos pais, sob pena do Projeto ficar por circunscrito ao cumprimento das políticas, não operacionalizando práticas transformadoras que nos conduzam à automatização de uma cultura da inclusão. ✓ Enfoque negativo dado por alguns alunos(as) à falta de qualidade de alguns equipamentos e à persistência de algumas práticas de acolhimento. ✓ Reserva de alguns alunos(as) não integrados no Projeto sobre a sua validade como fator de inclusão. ✓ Desconhecimento por parte de encarregados de educação sobre o Projeto. ✓ Falta de clareza relativamente à existência de expectativas elevadas de desempenho para todos os alunos(as), na opinião dos docentes.

3- Apreciação global dos resultados

A escola deve assumir-se como instituição de suporte social que a todos receba e que se ajuste a todos os alunos(as), independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, étnicas, religiosas, linguísticas ou outras. Deve aceitar as diferenças, apoiar as aprendizagens e potenciar as capacidades, promovendo um ensino diferenciado que responda às necessidades individuais e rejeite uma postura institucionalmente segregadora. Por outras palavras, a escola deve promover a igualdade de direitos e de oportunidades independentemente da origem social, étnica, religião e demais pertenças e/ou opções. Considera-se um dever respeitar a dignidade do ser humano, a singularidade da sua existência individual e coletiva e a multiculturalidade, tal como preconizam os valores do Agrupamento, no seu Projeto educativo: a pessoa, a liberdade, a solidariedade, a tolerância, a cidadania, a cooperação, a equidade, a exigência, a participação. Nesse sentido, esta é uma Escola que procura desenvolver a vertente humanista, de forma a integrar os alunos(as) na comunidade, ao nível da sua intervenção social, profissional, cultural, recreativa, desportiva, entre outras.

O *Projeto Lançar Pontes, Falar de Nós* que se foi impondo apenas como **Lançar Pontes** é assumido por todos como uma ação que contribui de forma positiva para a partilha de experiências de vida, para a reflexão sobre emoções e sentimentos e as suas implicações no comportamento humano, para o desenvolvimento de competências assertivas e para a exploração de situações de risco em que possam estar envolvidos e das estratégias que se podem adotar para resolver situações problemáticas. É um exemplo de boas de integração de alunos(as) de etnia cigana e um contexto facilitador da Educação Inclusiva.

Os resultados da avaliação realizada também o espelham, uma vez que foram visíveis e significativos os progressos ao longo dos anos. Todavia, espera-se mais impacto na superação dos problemas de ajuste comportamental, em termos de

consistência na mudança de atitudes. Espera-se, também, mais melhoria nos indicadores de frequência escolar, com redução significativa das faltas injustificadas e alargamento e intensificação das ações com turmas de referência dos diferentes alunos(as) de etnia.

O Projeto foi desenhado para trabalhar com os alunos(as) o sentimento de pertença em relação à escola, bem como promover um espaço de trabalho que pudesse funcionar como alavanca para mudanças de comportamento, reduzindo os índices de agressividade. Também aproximou todos os técnicos envolvidos (professores, técnico de serviço social e psicólogo) da comunidade cigana, observando-se que as crianças foram construindo um sentimento de pertença à escola mais coeso, o que lhes permitiu progressivamente ajustar o seu desempenho social.

Conclusão

Ao longo dos dez anos de dinamização do *Projeto Lançar Pontes* foram introduzidas políticas educativas muito significativas, ao nível nacional e internacional, e também no âmbito da integração das minorias, em geral, e das comunidades ciganas em particular. O Projeto em análise entrou na vida da escola e impondo-se na rotina da organização.

No período de referência foi publicada legislação específica para fazer face a a uma vivência de mútua exclusão entre sociedade maioritária e comunidades minoritárias. Pensamos que o Projeto tem sido fonte de conhecimento interpessoal, ponte de ligação e canal de comunicação. Todos, independentemente da sua circunstância e condição, têm lugar na Escola enquanto criança ou jovem em idade escolar, procurando-se dar-lhe voz enquanto cidadão, independentemente da sua história ou cultura.

A presente monografia serviu para enquadrar, avaliar e perspetivar o contributo do *Projeto Lançar Pontes* para substanciar estas mudanças, no modo de acolhimento e na resposta a todos os alunos(as), em particular aos de minorias, designadamente de etnia cigana. Este contributo materializou-se no sentido de promover a igualdade de oportunidades e de valorizar a diferença como elemento relevante da diversidade cultural.

Aceitando a ideia de que o conhecimento aumenta a capacidade de ação, espera-se que, através do interesse em aprofundar o conhecimento sobre esta temática, trazendo o assunto da exclusão à análise e discussão, se contribua para combater a segregação das minorias.

A metodologia seguida foi ajustada ao propósito, garantindo a participação dos diferentes intervenientes e permitindo aferir os dados, em termos de consistência e

coerência face ao que se conhece do contexto. Identifica-se como um Projeto que, ao promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, designadamente a capacidade de interação positiva, o gosto pela escola e a capacidade ver a diferença como desafio, se constitui, em si próprio, como uma estratégia de promoção do sucesso educativo e da inclusão de todos os alunos(as) e alunas.

A escola é um lugar de aprendizagem, um espaço onde são facultados os meios para construir o conhecimento, interiorizar as atitudes e valores universais e adquirir competências, formando cidadãos críticos, conscientes, participativos, capazes de interagir e intervir na realidade e responder aos desafios emergentes da sociedade. Com base nesta premissa e partindo dos resultados aqui apresentados, podemos afirmar que o *Projeto Lançar Pontes* é efetivamente um bom contributo para a formação de indivíduos plurais e conscientes da sociedade multicultural em que se inserem. Identifica-se como uma iniciativa facilitadora da integração escolar e uma ferramenta de combate ao absentismo e ao abandono escolar precoce. Assentou numa perspetiva humanista e plural, propondo-se estabelecer pontes e aproximar as pessoas. Crê-se que o conhecimento e a interculturalidade combatem naturalmente a exclusão.

Foi colocado o foco da ação na educação, no processo de socialização e na frequência escolar de rapazes e raparigas, numa perspetiva de paridade e de igualdade de género. Considera-se o Projeto uma resposta inovadora a um problema específico da comunidade escolar que se identifica como uma prática construtiva de intervenção sociocultural, reconhecido como uma resposta comunitária para melhorar a inclusão dos grupos minoritários, em particular da comunidade cigana da área de abrangência do Agrupamento de Escolas de Águeda Sul. Ao longo desta década procurou-se, através de ações tanto na escola como com as famílias (desenvolvendo-se inclusivamente ações específicas dirigidas às mulheres ciganas), trabalhar com a comunidade cigana e não cigana em torno de uma ação conjunta.

Ao se privilegiarem processos de discussão, de análise das dificuldades numa lógica de investigação-ação e de trabalho em equipa, ao se estimular o trabalho em rede e uma intervenção ecológica, através do estabelecimento de múltiplas parcerias no âmbito do Projeto, gera-se, também, o empoderamento local em matéria de resposta às fragilidades sociais, assim como se potencia o crescimento técnico dos intervenientes. Foi importante a mobilização de técnicos e o trabalho em rede tanto com instituições como agentes da comunidade, designadamente os mediadores municipais. Em síntese, *Lançar Pontes* é um Projeto que responde a nível local, a preocupações nacionais e internacionais, no âmbito de questões essenciais de multiculturalidade e de cidadania.

Bibliografia

Azevedo, A., 2100135 – R31D 10-01-2013 Etnias de Portugal: O caso dos ciganos, https://iscap.pt/cei/E-REI Site/1Artigos/Trabalhos EI/Ana Claudia.

Estudo Nacional sobre as comunidades ciganas - Observatório das Comunidades Ciganas (2014), Mendes, M.; Magano, O. e Candeias, P.; Edição ACM, I.P. Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP); Lisboa.

Direção-Geral da Educação (DGE), (2019). Promover a Inclusão e o Sucesso Educativo das Comunidades Ciganas - Guião para as Escolas.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, https://dicionario.priberam.org/romani [consultado em 21-08-2019].

Booth, T. E. Ainscow, M., (2002) - Índex para a Inclusão – Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Versão Portuguesa produzida pela Cidadãos do Mundo. Tradução: Ana Bernard da Costa e José Vaz Pinto.

Wieviorka, M. (2002) – O Racismo- Uma Introdução. Fenda.

Xiberras, M. (1996) – As teorias da exclusão. Instituto Piaget.

MEndes, M.; Magano, O. e outros Estudo nacional sobre as comunidades ciganas – (Estudos obCig ; 1) Edição ACM, I.P. Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP)

Almeida, M. *A Educação Especial em risco*. Arcozelo: Escola Superior de Educação Jean Piaget de Arcozelo, 2007.

Figueiredo, M. *Projetos na Educação Pré-Escolar Educativo/ Pedagógico*, in Bola de Neve. Volume 2, Lisboa: Colecção Pré, 2001, pp. 1-24.

Lima Rodrigues, L. *Percursos de Educação Inclusiva em Portugal: dez estudos de caso*. Cruz Quebrada, 2007.

Mendonça, M. *Ensinar e aprender por projectos*. 1ª Edição, Lisboa: Edições Asa, 2002.

Rodrigues, D. (2007). "Desenvolver a Educação Inclusiva: dimensões do desenvolvimento profissional" in: David Rodrigues (Org) Investigação em Educação Inclusiva, Lisboa

ANEXO 1

EXEMPLO DE PLANO ESPECÍFICO DE TRABALHO – Grupo LANÇAR (ano letivo 2010/2011)

Objetivos/Competências	**Conteúdos/ Unidades**	**Estratégias de Aprendizagem/Recursos**
• Proporcionar condições para a igualdade de oportunidades educativas (no acesso e no sucesso) e participar activamente na construção da sociedade democrática e nas dinâmicas culturais. • Valorizar a diversidade e respeitar a diferença. • Encontrar pontes nas diferentes culturas promovendo dinâmicas que facilitem uma atitude anti-etnocêntrica. • Promover atitudes interculturais positivas. • Potenciar a convivência e a cooperação entre alunos(as), e pessoas culturalmente diferentes, dentro e fora da sala. • Melhorar o auto-conceito pessoal, cultural e académico entre alunos(as), e pessoas culturalmente diferentes, dentro e fora da escola.	Eu, Cigano A Família A Escola A autoridade As profissões A música A amizade Os sentimentos	• Diálogo orientado professor/aluno/professor. • Dinâmicas de grupo: dramatização de uma cena do quotidiano cigano. • Desenho de si próprio. • Construção de um álbum de grupo; • Comparação entre as famílias dos alunos(as) e a referida num contexto. • Listagem das palavras associadas à vida familiar. • Desenho da família dos alunos(as). • Realização de grafitis das mãos. • Criação de histórias recorrendo a duas viagens imaginárias: "a escola ideal"; "como serei, o que farei daqui a 25 anos". • Identificação/reprodução de sons associados à escola. • Decoração do espaço da sala com fotografias. • Realização da apresentação a efetuar na "Festa de Natal". • Manutenção de um canteiro no recreio da escola. • Aquisição de conteúdos relacionados com produtos hortícolas. • Experiências com a germinação. • Dinâmica de grupo através de jogos do lego para estabelecer hierarquias. • Diálogo com os alunos(as) sobre as figuras de autoridade na família, na escola e na comunidade. • Diálogo com os alunos(as) sobre as regras de bem-estar dentro e fora da sala de aula. • Dramatização das profissões. • Diálogo sobre a importância de ter uma profissão. • Atividade "Chuva de Profissões". • Livro das Profissões.

ANEXO 2

Pequeno Registo Fotográfico

OBRIGADO JOÃOZINHO PELA TUA AJUDA!

MOMENTO DE PARTILHA E APRENDIZAGEM FÓRUM LANÇAR

FALAR DE NÓS

SOMOS AMIGOS DO AMBIENTE E GOSTAMOS DE JARDINAGEM

JARDINAGEM

EB2 AGUADA DE CIMA

PASSEAMOS E CONHECEMOS NOVOS LUGARES
LANÇAR À PRAIA

CRIAMOS E SOMOS EMPREENDEDORES...

COM O LANÇAR CONSTRUÍMOS UMA IDENTIDADE

encontro de mulheres ciganas de águeda
24 junho
14.30 horas
Biblioteca Municipal
Apoio
Organização
ÁGUEDA
CÂMARA MUNICIPAL
CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
Delegação de Águeda
bela vista
Creche Shalom
"OS PIONEIROS"
AEAS

ANEXO 3

Texto Publicado na Página da Escola

Tons da multiculturalidade

No dia 20 de março, a **EB1 de Fermentelos comemorou o Dia da Felicidade** abrindo as portas da Semana das Cores ao "Clube Lançar Intercultural", integrado no projeto "Lançar Pontes, Falar de Nós" dinamizado pelos alunos da Escola Secundária Marques de Castilho. Acolhidos de braços abertos por alunos do 3º e 4º ano e professoras, sete alunos de etnia cigana partilharam hábitos e tradições da sua cultura.

"Dez dedos de conversa"

Com o objetivo de *promover a troca de saberes, a tomada de consciência de si, dos outros e do meio* e articular conteúdos lecionados no 3º ano sobre Culturas e Tradições, os alunos de etnia cigana, falaram na primeira pessoa abordando temas como o casamento, o luto, a lei dos mais velhos, a música, os símbolos e algumas palavras em calon/romanon.

E foi da teoria para a prática que professoras e alunos foram convidados a "bailar". A pequena roda com sete alunos foi crescendo com a participação de todos, onde o cor-de-rosa, cor daquele dia, sobressaiu criando uma mancha uniforme.

Em vésperas da comemoração do **Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial**, a mensagem passou da melhor forma.

A coordenadora do Departamento de Educação Especial

Maria Manuela Estima Lopes dos Santos